



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM LETRAS**

**EDIÇÃO
2022/1**

CADERNO DE RESUMOS DO SEDA

SEMINÁRIO DE DISSERTAÇÕES E TESES EM ANDAMENTO

**INTERSECÇÕES ENTRE LITERATURA E SOCIEDADE:
DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS**

**CLAUDIA CRISTINA FERREIRA
LUCAS MATHEUS DA SILVA DE CARVALHO
MARIA CAROLINA DE GODOY**



UNIVERSIDADE

CADERNO DE RESUMOS DA 1.ª EDIÇÃO DE 2022 DO

SEDA

SEMINÁRIO DE DISSERTAÇÕES E TESES EM ANDAMENTO

INTERSECÇÕES ENTRE LITERATURA E SOCIEDADE:
DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

27 A 29 DE JULHO DE 2022

ORGANIZAÇÃO

CLAUDIA CRISTINA FERREIRA
LUCAS MATHEUS DA SILVA DE CARVALHO
MARIA CAROLINA DE GODOY

LONDRINA, 2022



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

REITORA

Marta Regina Gimenez Favaro

VICE-REITOR

Airton José Petris

**COORDENADORA DO PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

Maria Carolina de Godoy

COORDENADORES DO SEDA 2022/1

Claudia Cristina Ferreira

Lucas Matheus da Silva de Carvalho

Maria Carolina de Godoy

EXPEDIENTE

Caderno de resumos do SEDA
Seminário de Dissertações e Teses em Andamento
Periodicidade: semestral

Universidade Estadual de Londrina
Centro de Letras e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Letras
Rodovia Celso Garcia Cid (PR 445), Km 380 - Campus Universitário – Caixa
Postal 10.011 86057-970, Londrina, PR

Seminário de Dissertações e Teses em Andamento
1.ª edição de 2022
Volume 2, n. 1

Universidade Estadual de Londrina | Centro de Letras e Ciências Humanas | 27 a 29 de julho de 2022

REALIZAÇÃO:
Universidade Estadual de Londrina
Programa de Pós-Graduação em Letras

COMISSÃO ORGANIZADORA:
Maria Carolina de Godoy (Coordenadora Geral)
Claudia Cristina Ferreira (Coordenadora Geral)
Lucas Matheus da Silva de Carvalho (Coordenador Adjunto)

Ana Flávia Rodrigues Tavares	MONITORES:	Felipe da Silva Mendonça
André Henrique de Alcantara		Felipe Frasson Fusco
Andreza Pereira Dias Ramos		Fernando Leite Mateus
Bruno Alexandre Matsushita		Giordana Di Paula Ferro
Carla Caroline Ferreira		Juliana da Silva Bello
Érica Alessandra Paiva Rosa		Patrícia Marcondes de Barros

Site: <https://sites.google.com/uel.br/seda-ppgluel/seda-20221>

E-mail: sedaletras@gmail.com

CONSELHO EDITORIAL:

Adilson dos Santos (UEL - Londrina)

Ana Lúcia Trevisan (MACKENZIE - São Paulo)

Claudia Vanessa Bergamini (UFAC - Rio Branco)

Giselle Maria Pantoja Ribeiro (UFPA - Belém)

Luis Eduardo Veloso Garcia (UNIOESTE - Foz do Iguaçu)

Marcio Markendorf (UFSC - Florianópolis)

Ricardo Augusto de Lima (UEM - Maringá)

Thiago Alves Valente (UENP - Cornélio Procopio)

SUMÁRIO

ABERTURA 07

Apresentação 08

PROGRAMAÇÃO 09

Conferência de abertura..... 10

Mesa-redonda I..... 11

Mesa-redonda II..... 12

CRONOGRAMA DE APRESENTAÇÕES 13

Quarta-feira, 27 de julho 14

Quinta-feira, 28 de julho..... 15

Sexta-feira, 29 de julho 16

RESUMOS EXPANDIDOS 17

Ana Carla da Silva Lima18

Ana Carolina Ribeiro.....21

Ana Cléa dos Reis 24



Ana Paula Balladares Barcellos	28
Ana Paula Barbosa dos Santos da Silva	31
Eduardo Luiz Baccarin Costa	35
Fernando Paixão Rosa	40
Henrique de Paiva Soares	43
João de Carvalho	46
Maristella Letícia Selli	49
Mateus Fernando de Oliveira	52
Matheus Willian Migotto	57
Miréia Aparecida Alves do Vale	61
Natália Cristina Martins de Sá	65
Osnir Branco	68
Priscila Aparecida Borges Ferreira Pires	73
Sebastião Bonifácio Júnior	77
Thamiris Yuri Silveira Pellizzari	81



SEDA

SEMINÁRIO DE DISSERTAÇÕES E TESES EM
ANDAMENTO

ABERTURA

1.ª EDIÇÃO DE
2022

APRESENTAÇÃO

O SEDA – Seminário de Dissertações e Teses em Andamento – é uma atividade do Programa de Pós-Graduação em Letras regularmente ofertada a cada semestre. É a oportunidade para que mestrandos e doutorandos exponham os trabalhos em andamento, de forma que os outros alunos possam conhecer os trabalhos de seus colegas.

O formato é o de apresentação de resultados parciais da pesquisa pelo mestrando ou pelo doutorando, acompanhado de seu orientador. Esta exposição é articulada com comentários críticos efetuados normalmente por outro professor do PPGL, que atua como debatedor.

O SEDA é atividade obrigatória para os alunos matriculados em Colóquio de Pesquisa, observado o fato de que alunos de mestrado em primeiro semestre de matrícula participam do SEDA como ouvintes, sem apresentar trabalhos.

O SEDA 2022/1 ocorrerá, ainda, no formato remoto, devido a questões decorrentes do contexto de pandemia enfrentado nos últimos anos pela COVID-19. Nessa edição, temos como mote “intersecções entre literatura e sociedade: diálogos e perspectivas”. A conferência de abertura, bem como as duas mesas-redondas serão transmitidas no Youtube. Por outro lado, as apresentações dos mestrandos e doutorandos serão pela plataforma Google Meet, sendo que o link será enviado somente aos inscritos.

Desejamos uma excelente leitura a todos/as!

Comissão organizadora.

PROGRAMAÇÃO

27 DE JULHO

18h às 19h

Conferência de abertura

19h10 às 21h

Comunicações e arguições

28 DE JULHO

18h às 19h

Mesa-redonda I

19h10 às 21h

Comunicações e arguições

29 DE JULHO

18h às 19h

Mesa-redonda II

19h10 às 21h10

Comunicações e arguições

21h10 às 21h30

Encerramento

CONFERÊNCIA DE ABERTURA

Rumores de dentro:

poesia feita por mulheres em movimento



Profa. Dra. Giselle Maria Pantoja Ribeiro (UPA)



Data de realização: 27/07/2022

Horário: 18h – 19h

Local: Canal do PPGL/UEL no YouTube

MESAS-REDONDAS

- **Mesa-redonda I**

Literatura e Adoção: tendências
emergentes

Profa. Dra. Ana Claudia Freitas Pantoja
(UNESPAR)



Experiências literárias: pesquisa e
educação

Profa. Dra. Nelci Alves Coelho Silvestre
(UEM)



Data de realização: 28/07/2022

Horário: 18h – 19h

Local: Canal do PPGL/UEL no YouTube

MESAS-REDONDAS

- **Mesa-redonda II**

Narrativas juvenis: conflito e batalhas para
jovens leitores

Prof. Dr. Thiago Alves Valente
(UENP)



Um olhar sobre a dramaturgia infantil e
juvenil brasileira

Prof. Dr. Ricardo Augusto de Lima
(UEM)



Data de realização: 29/07/2022

Horário: 18h – 19h

Local: Canal do PPGL/UEL no YouTube

The background of the entire page is a collage of crumpled paper in various shades of yellow, orange, and white. Overlaid on this are several semi-transparent silhouettes of human heads in profile, facing different directions. The text is centered and uses a clean, sans-serif font.

SEDA

SEMINÁRIO DE DISSERTAÇÕES E TESES EM
ANDAMENTO

CRONOGRAMA DE APRESENTAÇÕES

1.ª EDIÇÃO DE
2022

QUARTA-FEIRA, 27 DE JULHO

19h10

Aluno (a): Ana Paula B. Barcellos (M)

Orientador (a): Alamir Aquino Corrêa

Arguidor (a): Amanda Crispim

19h30

Aluno (a): Maristella Letícia Selli (D)

Orientador (a): Alamir Aquino Corrêa

Arguidor (a): Amanda Crispim

19h50

Aluno (a): Osnir Branco (D)

Orientador (a): Miguel Heitor B. Vieira

Arguidor (a): Alamir Aquino Corrêa

20h10

Aluno (a): Matheus Willian Migotto (M)

Orientador (a): Miguel Heitor B. Vieira

Arguidor (a): Alamir Aquino Corrêa

20h30

Aluno (a): Ana Carolina Ribeiro (D)

Orientador (a): Marta Dantas da Silva

Arguidor (a): Miguel Heitor Braga Vieira

20h50

Aluno (a): Henrique de Paiva Soares (M)

Orientador (a): Angela Lamas Rodrigues

Arguidor (a): Miguel Heitor Braga Vieira

QUINTA-FEIRA, 28 DE JULHO

19h10

Aluno (a): Mateus Fernando de Oliveira (D)
Orientador (a): Luiz Carlos Santos Simon
Arguidor (a): Suely Leite

19h30

Aluno (a): Thamiris Yuri S. Pellizzari (D)
Orientador (a): Luiz Carlos Santos Simon
Arguidor (a): Suely Leite

19h50

Aluno (a): Priscila A. B. Ferreira Pires (D)
Orientador (a): Suely Leite
Arguidor (a): Luiz Carlos Santos Simon

20h10

Aluno (a): Ana Cléa dos Reis (M)
Orientador (a): Silvio C. dos Santos Alves
Arguidor (a): Maria Carolina de Godoy

20h30

Aluno (a): Miréia A. A. do Vale (D)
Orientador (a): Alimir Aquino Corrêa
Arguidor (a): Ellen Mariany

20h50

Aluno (a): Fernando Paixão Rosa (M)
Orientador (a): Laura Taddei Brandini
Arguidor (a): Ellen Mariany

SEXTA-FEIRA, 29 DE JULHO

19h10

Aluno (a): Sebastião Bonifácio Júnior (D)
Orientador (a): Miguel Heitor Braga Vieira
Arguidor (a): Claudia Cristina Ferreira

19h30

Aluno (a): João de Carvalho (D)
Orientador (a): Maria Carolina de Godoy
Arguidor (a): Claudia Vanessa Bergamini

19h50

Aluno (a): Natália C. Martins de Sá (D)
Orientador (a): Miguel Heitor Braga Vieira
Arguidor (a): Claudia Vanessa Bergamini

20h10

Aluno (a): Ana Carla da Silva Lima (D)
Orientador (a): Barbara Cristina Marques
Arguidor (a): Gisele Gemmi Chiari

20h30

Aluno (a): Eduardo L. Baccarin Costa (D)
Orientador (a): Telma Maciel da Silva
Arguidor (a): Gisele Gemmi Chiari

20h50

Aluno (a): Ana Paula B. dos S. da Silva (M)
Orientador (a): Suely Leite
Arguidor (a): Claudia Cristina Ferreira

The background of the entire page is a collage of crumpled paper in various shades of yellow, orange, and white. Overlaid on this are several semi-transparent silhouettes of human heads in profile, facing different directions. The text is centered and uses a clean, sans-serif font.

SEDA

SEMINÁRIO DE DISSERTAÇÕES E TESES EM
ANDAMENTO

RESUMOS EXPANDIDOS

1.ª EDIÇÃO DE
2022

A PERFORMANCE CRÍTICA DE SUSAN SONTAG

Ana Carla da Silva Lima (Doutoranda)

Barbara Cristina Marques (Orientadora)

“Cada escritor faz da escrita o seu problema” (p. 303), afirma Maurice Blanchot em *O livro por vir* (2005). Não só por isso, mas considerando justamente essa problemática, o objetivo principal deste projeto é investigar a escrita de Susan Sontag. A primeira inquietação que levou ao desenvolvimento do projeto se deu pela multiplicidade de Sontag, percebida pela dimensão e extensão de sua obra, pois a escritora norte-americana possui uma vasta produção em diversos gêneros, incluindo os artísticos. Reconhecida principalmente por suas obras e ensaios críticos, Sontag também escreveu ficção. Ao longo de sua vida, escreveu e publicou romances, contos, peças e roteiros de cinema. Para além disso, é possível considerar seus Diários, prometidos em três volumes, dois deles já publicados, inclusive no Brasil, sob o selo da editora Companhia das Letras. A edição dos volumes foi feita pelo único filho de Susan Sontag, o também escritor, David Rieff. Recentemente, a Companhia das Letras também publicou a biografia da autora: *Sontag: vida e obra* (2020), escrita por Benjamin Moser, um dos biógrafos de Clarice Lispector. Escolhido pela família de Sontag para realizar o estudo biográfico, a obra lhe rendeu o Prêmio Pulitzer no mesmo ano. Assim, num primeiro olhar, é possível percebermos ao menos a importância estabelecida de sua obra, tanto literária quanto teórica. Contudo, não é o que vemos nos dados levantados nos repositórios acadêmicos brasileiros. Com base nos sites da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações e no Banco da CAPES, foi possível verificar a presença de Sontag no que tange à base teórica de alguns trabalhos, que perpassam as produções vindas de outras áreas das Ciências Humanas, como Cinema, Filosofia e, sobretudo, Artes Visuais. É válido evidenciar os resultados, no site da BDTD, constam 52 trabalhos relacionados ao nome de Susan Sontag. Conforme averiguamos e permanece passível de conferência, todos os trabalhos a mencionam enquanto suporte teórico para os estudos. No Banco da CAPES, 62 trabalhos são encontrados vinculados ao nome da autora, em sua maioria, nas pesquisas de fotografia e cinema, pudemos observar também que apenas 1 deles a possui como *corpus* de pesquisa e/ou análise literária. A finalidade da busca quantitativa é vislumbrar que, em relação à área de Letras e, principalmente, aos Estudos Literários, a produção crítica acerca de sua obra é escassa, quase nula. Tendo em vista a extensão da sua obra e a multiplicidade com que ela é apresentada, a ausência de seu nome nas Letras é sintomática, dessa forma, uma questão emerge: por que Susan Sontag permanece invisível literariamente? Esses pontos que colocamos, da ausência de fortuna crítica e do apagamento enquanto artista, abrem inúmeros caminhos para a pesquisa. Inicialmente, o pré-projeto ambicionava dar foco às obras ficcionais de Susan Sontag, justamente por conta do vácuo que existe nas pesquisas e por estabelecer certa linearidade do ponto de vista teórico. Apesar da tentativa de ater-se somente na ficção, é inegável a importância que os ensaios possuem, inclusive desde o momento de publicação, décadas atrás. Por isso, optamos por estruturar um outro caminho em relação ao objeto de pesquisa. Em *The object of performance* (1989), Henry M. Sayre aponta para o que Susan Sontag provoca sobre o desempenho crítico em *Contra a interpretação* (1966): “O importante agora é recuperar nossos sentidos. Precisamos aprender a ver mais, a ouvir mais, a sentir mais. Nossa tarefa não é descobrir o máximo de conteúdo numa obra de arte, muito menos extrair da obra mais conteúdo do que já está ali [...] A função da crítica deve ser a de mostrar como ela é o que é, e mesmo é isso o que ela é, e não o que ela significa. Em vez de uma hermenêutica, precisamos de uma

erótica da arte” (SONTAG, 2020, p. 39). Usando este texto em questão, Sayre (1989) desenvolve o conceito de *critical performance* [traduzido como crítica performática ou performance crítica] ao pensar sobre a trajetória crítica de Roland Barthes, uma vez que Sayre aponta dois momentos distintos da sua obra, analisando objetivamente o momento em que a linguagem de Barthes passa do estruturalismo para a crítica performática. A performance crítica pode ser entendida entre autobiografia e ficção, o que dissolve a distinção entre ensaio e ficção. Assim, há um equilíbrio nos limites entre prosa crítica, storytelling e autobiografia. A hipótese então é que Susan Sontag exercia o que Sayre (1989) chamou de *critical performance*, um modo de crítica “vulnerável, confessional, autobiográfica e até mesmo desconcertante” (SAYRE, 1989, p. 256). Partindo dessa teoria, este trabalho de tese pretende investigar a crítica performática de Susan Sontag. Para tanto, estabelecemos a seguinte estrutura: no primeiro capítulo, o foco é a produção de Sontag, especialmente os ensaios e os diários, junto aos teóricos que podem dar alicerce às discussões para pensar no lugar do Eu e da persona, como Zumthor (2007), Lejeune (2014), Arfuch (2010), entre outros. Com isso, tencionamos visualizar a organização deste material híbrido [o método ainda está em suspenso, as opções até então são em décadas ou temas]. O segundo capítulo irá abordar o conceito de crítica performática e como ele pode ser percebido na obra de Sontag, a começar por Sayre (1989), expandindo para Webb (2016), Pires (2018), Karshan e Murphy (2020). Por fim, o terceiro capítulo tratará de forma objetiva a escrita de Susan Sontag, analisando as particularidades da performance crítica nos ensaios escolhidos posteriormente, as obras pré-elencadas são *Contra a interpretação* (1966), *Doença como metáfora* (1978), *Sob o signo de Saturno* (1980), e *Diários I e II* (2009; 2016). Em suma, tendo em vista este percurso proposto, a tese busca refletir sobre a escrita de Susan Sontag como uma crítica performática.

REFERÊNCIAS

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Tradução Paloma Vital. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

COTT, Jonathan. **Entrevista completa para a revista Rolling Stone**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

DEAN, Michelle. **Afiadas: as mulheres que fizeram da opinião uma arte**. São Paulo: Todavia, 2018.

KARSHAN, Thomas; MURPHY, Kathryn. **On essays: Montaigne to the present**. United Kingdom: Oxford University Press, 2020.

PIRES, Paulo Roberto (Org.) **Doze ensaios sobre o ensaio**. São Paulo: IMS, 2018.

SONTAG, Susan. **Contra a interpretação e outros ensaios**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SONTAG, Susan. **A vontade radical**. Trad. João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SONTAG, Susan. **A doença como metáfora AIDS e suas metáforas**. Trad. Rubens Figueiredo/Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SONTAG, Susan. **Diários I: (1947-63)**. Organização e prefácio David Rieff. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SONTAG, Susan. **Diários II: (1964-80)**. Organização e prefácio David Rieff. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. 1 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

UM DIÁLOGO COM AS *EXPERIÊNCIAS* DE FLÁVIO DE CARVALHO A PARTIR DA OPÇÃO DAS ESTÉTICAS DECOLONIAIS

Ana Carolina Ribeiro (Doutoranda)
Marta Dantas da Silva (Orientador)

Estou no meio do caminho. Paro, olho para trás e observo os rastros do caminho já trilhado. Olho para frente e vislumbro as possibilidades e limitações que podem surgir em um caminho ainda a ser seguido. Quando comecei a estudar as *Experiências* do multiartista brasileiro Flávio de Carvalho para escrever o projeto desta pesquisa, o ponto que atraiu minha atenção era uma percepção de que suas ações pareciam sempre culminar em um propósito de confrontamento aos caminhos civilizatórios no contexto sociocultural brasileiro. Então surgiu a ideia de pensar, em uma perspectiva crítica, as performances de Flávio de Carvalho enquanto uma poética descolonizadora. Porém, daquele começo da jornada para cá, mal poderia eu imaginar o quanto os estudos em torno da decolonialidade já estavam muito mais prolíferos e diversificados. Com a pandemia ampliou-se muito mais o acesso às pesquisas e eventos em plataformas digitais e uma infinidade de estudos, pesquisas, reflexões, aulas, palestras e produções artísticas sobre o tema, em diferentes áreas do conhecimento, foram surgindo nesta caminhada. Paralelamente, fui também me aproximando e reconhecendo muito mais de perto o artista em sua relação arte e vida. Tudo isso me permitiu reconhecer que a legitimidade da decolonialidade pode estar muito mais na possibilidade de olhar para a diversidade e convocar vozes que em contextos outros tiveram pouca ou nenhuma oportunidade de serem ouvidas. Portanto, no meio deste percurso, o que proponho perceber, diante de minhas constatações e afetações no campo dos estudos decoloniais, sobretudo nos conceitos de colonialidade (QUIJANO, 1992) e no pensamento em torno da opção das estéticas decoloniais (MIGNOLO; GOMÉZ, 2012), não é enquadrar as *Experiências* de Flávio de Carvalho em uma poética decolonial na tentativa de encontrar ali uma legitimidade para seus trabalhos, mas estabelecer um diálogo, um atravessamento, por meio desta outra possibilidade que emerge para pensar as expressões artísticas provenientes do sul global. Neste diálogo levo em consideração as possibilidades de trânsito e devir da obra do artista, entendendo que elas ainda podem reverberar reflexões para além de seu contexto, que foi o modernismo brasileiro, na primeira metade do século XX. Sendo assim, por meio da análise dos registros de escrita e imagens produzidas pelo próprio autor, estão sendo investigados três trabalhos que ele nomeou com o termo “experiência”: as performances, *Experiência nº2* e *Experiência nº3*, e a dramaturgia *O bailado do deus morto*, que foi escrita em 1933 para o projeto *Teatro da experiência*, também empreendido pelo artista. Nesses, a observação de um campo expandido (KRAUSS, 1986) e a condição de zona fronteira (CABALLERO, 2011) permitem perceber uma condição de borramento das categorias artísticas em um estatuto interdisciplinar, bem como estreita relação arte, vida e sociedade. No primeiro capítulo, a partir de narrativas como as de Toledo (1994), Daher (1982), Sangirardi Jr. (1985), que apresentam aspectos biográficos do artista, investigo o vocábulo “experiência” e as possibilidades de compreensão do termo em relação as noções de “vivência”, “correr risco” e “performance”. Para isso, convoco reflexões de autores que de modos distintos perpassam o conceito como o ensaísta alemão Walter Benjamin (1987), o antropólogo escocês Victor Turner (2015), o indigenista brasileiro Ailton Krenak (2019) e do pesquisador em estudos culturais latino-americanos Alex Schlenker (2019). No segundo capítulo, toma foco a *Experiência nº2*, ação em que o artista atravessou, no contrafluxo, uma procissão de *Corpus Christi* que estava

ocorrendo na praça da Sé, na cidade de São Paulo, usando sobre a cabeça um boné verde, acessório que infringia os códigos de comportamento de seu tempo. A insistência em permanecer com o boné, ocorreu em um quase linchamento pelos devotos. A partir da observação do relato do artista, publicado meses depois no livro *Experiência nº2: realizada sobre uma procissão de Corpus Christi* (CARVALHO, 2001), é possível perceber, entre tantos aspectos, a intolerância como um sintoma da colonialidade, esta entendida por Quijano (1992) como algo que se distingue do colonialismo por exercer um padrão colonial de poder implementado pela modernidade e racionalidade e que tem continuidade, mesmo com a independência política, por meio do domínio do imaginário social. No terceiro capítulo trago para análise a *Experiência nº3*, realizada em 1956. A partir dos escritos que balizam esta ação, reunidos e publicados em *A moda e o novo homem* (CARVALHO, 2010), a crítica a colonialidade se dá a partir da vestimenta e do gênero. Ao criar o *Traje de verão*, que também chamou de *New look tropical*, uma paródia (HUTCHEON, 1985) ao modelo criado por Christian Dior, e desfilar pelas ruas do centro de São Paulo, contesta os padrões do traje masculino de seu tempo e que em nada colaboravam com o clima dos trópicos. No quarto capítulo, escrevo sobre o *Teatro da Experiência*, projeto que se consumou na apresentação da peça teatral *O bailado do deus morto*, em 1933. Por meio da apreciação da publicação do texto em *A origem animal de deus e o bailado do deus morto* (CARVALHO, 1973) observo que a crítica a colonialidade perpassa por diversas esferas, como por exemplo na desconstrução de narrativas hegemônicas, a cena expandida, a oralidade, nos indicativos textuais para composição estética da cena, e a crítica à cultura de consumo. Contudo, neste caminho que se faz ao caminhar, proponho olhar para as *Experiências* de Flávio de Carvalho e refletir sobre até que ponto suas expressões artísticas, realizadas na primeira metade do século XX, podem, ou não, dialogar com a proposta das estéticas decoloniais que emergem como possibilidade epistemológica na atualidade.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política.** São Paulo: Braziliense, 1987.
- CABALLERO, Ileana D. **Cenários Liminares: teatralidades, performances e política.** Col. Teoria Teatral Latino Americana. Uberlândia: Edufu, 2011.
- CARVALHO, Flávio de. **Experiência nº2: realizada sobre uma procissão de Corpus Christi.** Rio de Janeiro: Nau, 2001.
- CARVALHO, Flávio. **A moda e o novo homem: dialética da moda.** COHN, Sérgio; PIMENTA, Heyk (org). Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2010.
- CARVALHO, Flávio de. **A origem do animal deus e O bailado do deus morto.** São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1973.
- DAHER, Luiz C. **Flávio de Carvalho: arquitetura e expressionismo.** São Paulo: Projeto editores, 1982.
- HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX.** Lisboa: Edições 70, 1985.

KRAUSS, Rosalind. A escultura no campo ampliado. **Revista Gávea**. nº1. Trad: Elizabeth C. Baez. Rio de Janeiro: PUC- Rio, 1984, p. 128-137.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

MIGNOLO, Walter. Primera parte: lo nuevo y lo decolonial. *In*: GOMÉZ, Pedro P; MIGNOLO, Walter. **Estéticas y opción decolonial**. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José Caldas, 2012. p.23-47.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidade/racionalidad. **Perú Indígena**. V.13, 1992, p.11-20. Disponível em: <https://www.lavaca.org>. Acesso em: 27 de jul. de 2020.

SANGIRARDI, Junior. **Flávio de Carvalho: o revolucionário romântico**. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1985.

TOLEDO, J. **Flávio de Carvalho: o comedor de emoções**. São Paulo: Brasiliense, Campinas: Unicamp, 1994.

TURNER, Victor. **Do ritual ao teatro: a seriedade humana de brincar**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

O NOVO POSICIONAMENTO DO *FLÂNEUR* NOS POEMAS DE ANTÓNIO CARLOS CORTEZ

Ana Cléa dos Reis (Mestranda)
Silvio Cesar dos Santos Alves (Orientador)

Esta pesquisa tem por objetivo analisar três livros que compõem a trilogia do poeta português António Carlos Cortez¹: *Animais feridos* (2016), *Corvos cobras chacais* (2017) e *Jaguar* (2019). Em sua trilogia, o autor constrói um universo carregado de subjetividade, apresentando perspectivas líricas de um modo intimista, sujeitos em crise e que contemplam a cidade e as aflições decorrentes da contemporaneidade. Seus poemas são movidos por observações e reflexões desenvolvidas pelos respectivos sujeitos poéticos ante as situações cotidianas da cidade, em geral Lisboa, mas também pelas transformações do espaço urbano. Enquanto caminham pelas ruas e lugares da metrópole, os pensamentos desses sujeitos os levam a algum momento do passado, e tais lembranças entram em desacordo com a realidade contemporânea e com a sua percepção da vida moderna. Em sua escrita, Cortez imprime um discurso sobre a crise do sujeito diante de um mundo caótico, colocando em evidência o descontentamento do eu lírico com a sua condição, bem como instigando reflexões sobre o comportamento social do homem hodierno. Os conflitos internos dos sujeitos e a sensação de incompletude decorrente de tais conflitos são características da literatura contemporânea, visto que o indivíduo é marcado pela ausência de uma totalidade, um sujeito cindido e sem esperanças de redenção. Partindo deste pressuposto, como objetivo geral, analisaremos os poemas pertencentes à trilogia de Cortez que põem em cena a figura do *flâneur*; partiremos dos estudos de Walter Benjamin (2006) em sua obra *Passagens*, a qual o autor, através de reflexões sobre os escritos de Charles Baudelaire, discorre acerca do conceito de *flâneur*, um sujeito que perambula pelas ruas da cidade de Paris a analisar os tipos humanos, um homem que se mistura à multidão, porém não se sente parte dela “o olhar do homem que se sente ali como um estranho. Trata-se do *olhar do flâneur* [...]” (BENJAMIN, 2009, p.47, grifos nossos). A exemplo disso, o poema “Apocalipse”, de António Carlos Cortez, possui as características do *flâneur*, ou seja, o eu lírico faz suas reflexões enquanto caminha pelo bairro, numa noite fria da capital lusitana “(na rua da barroca ao bairro alto / uma livraria deserta oculta / os desesperados e nos bares suicidas / putas disfarçadas lançam charme / pederastas movidos a sida lançam fogo)”. Aqui, o espaço urbano, mais especificamente a cidade e seus personagens, são o cenário para a escrita poética de Cortez, uma vez que a capital portuguesa está presente na maioria de seus poemas. E como objetivos específicos, primeiramente faremos um estudo sobre a obra *Modernidade líquida* (2011), de Zygmunt Bauman (2011), com o intuito de realizar um panorama sobre as novas configurações sociais. De acordo com esse autor, as transformações da sociedade têm uma relação intrínseca com a modernização dos espaços urbanos e, consequentemente, das relações sociais. No referido poema, há um posicionamento contrário à massificação

¹ O escritor é professor de Literatura Portuguesa, poeta, ensaísta e crítico literário. Possui uma coluna denominada, *Palavra de Poesia*, no *Jornal de Letras* e também é colaborador das revistas *Colóquio-Letras* e *Relâmpago*. O autor possui alguns livros publicados: *Ritos de Passagem* (1999); *Um Barco no Rio* (2002); *A Sombra no Limite* (2004); *À Flor da Pele* (2008); *Depois de Dezembro* (2010 – Prémio Sociedade Portuguesa de Autores, 2011); *Linha de Fogo* (2012); *O Nome Negro* (2013); *O Tempo Exacto – uma antologia* (2015); *A Dor Concreta – antologia pessoal* (2016 – Prémio Poesia Teixeira de Pascoaes da Associação Portuguesa de Escritores, 2018); *Animais Feridos* (2016); *Corvos Cobras Chacais* (2017); *Jaguar* (2019). Disponível em: <<http://portugalguadalajara2018.dglab.gov.pt/antonio-carlos-cortez/>>. Acesso em: 15/12/2020.

imposta pela modernidade, como observamos nestes versos: “a droga televisiva/reproduzida na nossa carne viva”; que demonstram a influência do poder midiático na vida das pessoas. Como descrito anteriormente, o eu lírico observa também os tipos humanos, e apresenta ao leitor suas reflexões e sentimentos por meio de um olhar analítico. Tais reflexões dizem muito acerca do sujeito deste tempo que é o nosso, e fazem parte da sociedade contemporânea. Em um segundo momento, utilizaremos *Em parte incerta – Estudos de poesia portuguesa moderna e contemporânea* (2004), da pesquisadora Rosa Maria Martelo, a fim de analisar um novo posicionamento do *flâneur*, que é “hoje mais comum e mais prosaico (e, conseqüentemente, em grande medida, é também a própria negação do “flâneur”)” (MARTELO, 2004, p. 257). Cortez sustenta constantemente a visão de uma cidade apocalíptica para o leitor, e o faz tanto no título de “Apocalipse”, quanto em outros poemas ao longo dos três referidos livros. Portanto, percebemos que este é um tema recorrente em sua escrita, e que contrasta com o *flâneur* de outrora, pois, segundo Martelo, “não será preciso dizer que este tipo de visão apocalíptica nada tem a ver com o fascínio do ‘flâneur’ pela cidade, tal como nada tem a ver com a distância que o separava da multidão” (MARTELO, 2004, p. 254). Percebemos que há semelhanças nos poemas de Cortez com o ato de *flanerie*, a presença do espaço urbano é tema constante nos poemas de Cortez, assim como fizeram Benjamin e Baudelaire. No entanto, observamos algumas modificações quanto a sua constituição no contexto atual. Trazemos as considerações de Martelo e a suas reflexões quanto a observação da cidade na literatura portuguesa moderna e contemporânea, conforme afirma a autora “[...] um primeiro aspecto a assinalar consiste na forma como o sujeito emerge do espaço urbano, não podendo separar a experiência interior de uma condição existencial cidadina” (2004, p. 253, 254). O eu lírico presente nas obras de Cortez expõe a sua visão da cidade de Lisboa, ele não só a observa, como também dela faz parte. Podemos observar esta relação nos versos do poema “Discotecas”, “sabes afinal/que no mesmo fogo ardes”. Em relação as diferenças do *flâneur* de outrora, é a forma como a cidade nos é apresentada nos poemas de Cortez, ou seja, por meio de uma visão apocalíptica. Nessa nova contextualização do *flâneur*, o sujeito não está distante de seu objeto de observação, pelo contrário, uma vez que dele faz parte. “Agora, o sujeito pertence a essa massa indistinta que preenche o tecido urbano, fala a partir de um espaço partilhado” (MARTELO, 2004, p. 255). Desta forma, analisaremos os poemas de António Carlos Cortez sobre à luz destes e outros teóricos pertinentes a esse estudo pesquisa por meio de pesquisas bibliográficas e através do método qualitativo.

REFERÊNCIAS

ALVES, I. F. **A poesia portuguesa contemporânea e a opção pela narratividade.**

Alea. Estudos Neolatinos, Rio de Janeiro, v. 3, p. 57-66, 2002.

ALVES, S. C. S. *Eça flâneur*. In: Giuliano Lellis Ito Santos; Luciene Marie Pavanelo; Hélder Garmes. (Org.). **Novas leituras queirosonianas: O primo Basílio e outras produções**. 1ed. Porto Alegre: Editora Fi, 2019, v. 1, p. 307-324.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

BENJAMIN, Walter. O flâneur. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERARDINELLI, Alfonso. **Da poesia à prosa**. Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BRIZOTTO, Bruno. '**Recordações agora**': leituras da memória na poesia de António Carlos Cortez. CADERNOS DO IL, PORTO ALEGRE, v. 54, p. 177-191, 2017.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**: estudos de teoria e história literária. In: CANDIDO, Antonio. 2ed. São Paulo: Companhia Nacional, 1967.

CORTEZ, António Carlos. **Animais feridos**. Alfragide; Dom Quixote, 2016.

CORTEZ, António Carlos. **Corvos Cobras Chacais**. Rio de Janeiro: Ed. Jaguatirica, 2017.

CORTEZ, António Carlos. **Dez anos de poesia portuguesa: heterodoxias, confluências e revisões**. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 11, p. 86-106, jul. 2012.

CORTEZ, António Carlos. **Jaguar**. Alfragide: Dom Quixote, 2019.

DIAS, Sousa. **O que é poesia?** 1ª. ed. Lisboa; Documenta, 2014.

ELIOT, T. S. **Ensaio escolhidos**. Trad. Maria Adelaide Ramos. Lisboa: Cotovia, 1992.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10a ed. Rio de Janeiro: DP&A; 2011.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade** /Anthony Giddens; tradução de Raul Fiker. – São Paulo: Editora UNESP, 1991.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática. 1991.

MAFFEI, Luis. Poetas sem qualidades: em busca da contemporaneidade possível. **Textura** (Canoas), v. 14, p. 5-14, 2006.

MARTELO, Rosa Maria. **Em parte incerta – Estudos de poesia portuguesa moderna e contemporânea**. Porto: Campo das Letras, 2004.

MARTELO, Rosa Maria. **Vidro do mesmo vidro. Tensões e deslocamentos na poesia portuguesa depois de 1961**. Porto: Campo das Letras, 2007.

MARTELO, Rosa Maria. **O Cinema da Poesia**. 1ª. ed. Lisboa: Documenta, 2012. v. 1. p. 261.

PAZ, Octávio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

Ribeiro, F. J. O. (2020). Herberto Helder: da condição absoluta da poesia moderna. **Revista Desassossego**, 12(22), 47-75. <https://doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v12i22p47-75>

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 7. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

A EXPERIÊNCIA DA MORTE EM CONTOS DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Ana Paula Balladares Barcellos (Mestranda)
Alamir Aquino Corrêa (Orientador)

Lygia Fagundes Telles (1923-2022) foi uma notável escritora, dona de extensa produção literária, publicou seu primeiro livro em 1938 e o último (com material inédito) em 2007, alcançando quase 60 anos de produção literária. Escreveu quatro romances, entre eles *As meninas* e *Verão no aquário*, e 14 livros com contos inéditos – contos que também foram publicados em outras antologias. A autora publicou ainda *A disciplina do amor* (1980), além do livro de crônicas *Passaporte para a China*, que reúne as crônicas publicadas no jornal *Última Hora* na década de 1960. Historicamente, a ficção de Lygia Fagundes Telles está inserida na geração de 1945, cenário que desencadeou inúmeras mudanças sociais e que foi marcado por medo e incertezas, além de grande comoção e um sentimento coletivo de desolação em face da reconstrução mundial no pós-guerra e de como o conflito bélico fez as pessoas encararem a finitude da vida. A partir da segunda metade do século XX, as percepções sobre a morte e o morrer passam a ocorrer de modo brusco: não apenas a forma de viver o luto se modifica, mas a morte passa a ser um assunto sobre o qual não se fala. A sociedade contemporânea experimenta, através de práticas culturais, um afastamento e uma “redução” dos temas ligados à morte, numa tentativa de negar a experiência da mesma. Evita-se falar do assunto para afastar a consciência da própria morte, da própria finitude. No que diz respeito à escrita de Lygia Fagundes Telles, seu interesse pelo tema chega pela escrita como exercício de busca da própria identidade, levantando questionamentos acerca do mundo e dos laços sociais que criamos. E esse estilo introspectivo marca justamente a linha de força dos escritores do pós-guerra, cenário no qual a escritora, ao lado de Clarice Lispector, se consolidou como uma voz importante da literatura brasileira. Numa busca incessante por entender as mazelas do “eu”, a autora parte de uma escrita intimista, de caráter subjetivo. Seus contos são cheios de registros de estados da alma, descobertas, assombros e confissões sobre fatos e momentos que precedem ou caminham para a finitude da vida. De fato, parece haver uma linha tênue entre a vida e a morte, viver e morrer, na obra da escritora. Mesmo em cenas objetivas e com diálogos sucintos, consegue amparar sua escrita nessa temática tão básica, mas ao mesmo tempo tão complexa, que é a nossa existência e seu próprio fim, nosso destino. É justamente no conto, gênero textual ao qual Telles mais se dedicou, que a morte se mostra mais presente, em todas suas faces. As personagens, muitas vezes, precisam lidar com a “desordem” trazida pelo fim, com a falta de controle diante da morte e com a aceitação do fim da vida e do processo que vem com ele: velhice, doenças e o fim literal, inevitável. A morte se apresenta ainda como materialização da perda - e essa perda também vai repercutir, de diferentes formas, no processo íntimo das personagens e no desenrolar da trama. A morte, na obra da escritora, parece ser ela mesma, um dos elementos envolvidos nas relações humanas que são parte essencial na ficção da autora (SANTOS, 2017). Assim, analisar a relação entre a morte e o próprio desenrolar da narrativa, identificar e apontar a presença da morte e como é representada na obra da autora são as tarefas às quais me proponho através da análise de catorze contos escritos em fases diferentes da obra de Telles. Se a perspectiva da finitude faz parte da vida cotidiana e permeia todas nossas ações e relações, pretendo analisar como a morte se manifesta e é experimentada, seja na percepção da própria morte ou da morte do outro, em diferentes contos da obra lygiana. Na escrita da autora, a morte aparece entrelaçada

a outros temas e apresentada de diversas formas, apontando as reflexões e desejos de boa parte dos indivíduos em relação a ela e a tudo aquilo que surge do enfrentamento da morte e da sua aproximação. Assim, observarei as condições de enfrentamento da morte como passagem pelas personagens, especialmente aquelas que aceitam a morte, tanto enquanto ritual da velhice quanto, simbolicamente, término do luto. Nos contos a analisar, as personagens experimentam sentimentos intensos e vivenciam conflitos despertados pela morte e sua possibilidade, sendo a morte concebida nessas narrativas sob a perspectiva de que o trágico é inerente à vida humana. Dessa forma, buscarei explicar também como determinados aspectos do trágico atuam no desenrolar de textos da autora em que a morte se manifesta.

REFERÊNCIAS

ARIÉS, P. **Sobre a história da morte no Ocidente desde a Idade Média**. Lisboa: Teorema, 1989.

ARIÉS, P. **O homem diante da morte**. Trad. Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro: Francisco Alves, v.1, 1989.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Ana Maria Valente. Lisboa: Edição da Fundação, 2008.

CARVALHO, V. A. A vida que há na morte. In.: BROMBERG, M. H. P. et al. **Vida e morte**: laços da existência. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

BOSI, A. A decomposição do cotidiano em contos de Lygia Fagundes Telles. In: TELLES, L. **A Estrutura da Bolha de Sabão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. P. 167-173.

DASTUR, F. **Morte**: um ensaio sobre a finitude. São Paulo: Difel, 2002.

ELOI, C. S. S. **Superfícies Arrumadas**: uma análise do trágico na obra de Lygia Fagundes Telles / Cinthia dos Santos Sacramento Eloi . – Feira de Santana, 2016.

LIMA, C. B. de. **Superfícies e subterrâneos**: significações de morte, perda e renascimento em Ciranda de Pedra. 2013. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Londrina.

LUCAS, F. As inovações de Lygia Fagundes Telles. In: TELLES, Lygia Fagundes. **A noite escura e mais eu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MARANHÃO, J. L. S. **O que é morte**. 2 ed. São Paulo/; Brasiliense, 1986.

SANTOS, João Pedro Rodrigues. **Um passeio com Tântatos**: a ficcionalização da morte nos contos de Lygia Fagundes Telles. 2017. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Dispersos e inéditos**: estudos sobre Lygia Fagundes Telles. Goiania: Cânone editorial, 2009.

TELLES, L. F. **A Estrutura da Bolha de Sabão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TELLES, L.F. **A noite escura e mais eu**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

TELLES, L.F. **Antes do Baile Verde**: contos. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

TELLES, L.F. **Antologia**: Meus contos preferidos. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

TURCHI. O imaginário da morte na literatura. In: SANTOS, Dulce. O. A; TURCHI, Maria Zaira (Orgs.). **Encruzilhadas do imaginário**: ensaios sobre literatura. Goiânia: Cânone, 2003, p 129-145.

A SOLIDÃO FEMININA E OS TRAUMAS DAS IMPOSIÇÕES SOCIAIS: NARRATIVAS MARCADAS PELA DOR NA CONTÍSTICA DE JANDYRA DE ALMEIDA FRANÇA

Ana Paula Barbosa dos Santos da Silva (Mestranda)
Suely Leite (Orientadora)

Os estudos teóricos sobre os feminismos trouxeram a discussão sobre a condição da mulher que ao longo da história foi sempre uma condição de inferioridade em relação ao homem. Schneider (2000) propõe que a mulher tanto nas relações sociais quanto culturais é vista como sujeito secundário, uma vez que a figura da mulher marginalizada surge com instauração do sistema de gênero com base em diferenças sexuais. Dessa designação, da condição da mulher inferior, igualmente posicionada no campo literário, Funck (2016) revela que para a cultura ocidental o conceito de autoria imbrica-se com o de masculinidade, restando ao feminino o status de objeto artístico, igualmente colocado por Teixeira (2008) que evidencia o estado da mulher, representada, por muito tempo, em páginas literárias enclausuradas a partir da visão daqueles que detinham o cânone. Esses posicionamentos descampam nos textos canônicos que refletem as relações de poder à medida que criam uma representação feminina ancorada nos modelos patriarcais e nos papéis sociais a ela atribuídos socialmente. O fato de ser o objeto da representação por parte de um olhar Outro, acaba por criar estigmas e estereótipos de modelos femininos distorcidos das realidades ou das subjetividades femininas. Quando a mulher deixa de ser o objeto e passa a ser o sujeito da sua própria representação, as vozes diversas, múltiplas eclodem, porém nem sempre são ouvidas. Esse processo contribui, conforme colocado por Mazzoni (1997), para a exclusão histórica da escrita feminina, pois os autores que não fazem parte de um cânone que se estabelece a partir das historiografias literárias, por exemplo, são menos validados e, consequentemente, esquecidos com o tempo, é o que Constância Lima Duarte chamou de memoricídio, ao referir-se ao apagamento das escritoras da História e da Literatura com o intuito de silenciá-las e invisibilizar suas produções intelectuais, em uma conferência durante o XVIII Seminário Internacional Mulher & Literatura. A escrita de autoria feminina foi por muito tempo apagada, assim, como outras escritas consideradas de minorias, o que faz com que as representações dessas minorias sejam questionadas, por serem criadas por um Outro sujeito. Desse modo, é necessário compreender que representar pressupõe usos diferenciais de um mesmo objeto, como descrito por Chartier (1990), é encaminhar-se para a necessidade de compreender as identidades construídas a partir da representação da mulher no texto de autoria feminina. Percebe-se, com isso, a necessidade de uma literatura aberta às representações diversas e fluidas, relacionadas a forma como se desenvolvem as identidades. Assim, é por meio da representação que se reivindicam novas identidades, dessa forma, ao representar a figura feminina, a mulher que escreve, constrói-se, assim como atesta Lauretis (1994), essa construção heterogênea, de mulher que escreve de si, dá vazão a multiplicidade identitária caracterizada pela subjetividade da escrita feminina, em um processo de representação e autorrepresentação. Nesse sentido, um dos objetivos dessa pesquisa é resgatar a produção literária da escritora paranaense Jandyrá de Almeida França e analisar como as mulheres estão ali representadas, considerando que as representações literárias surgem da pluralidade e, portanto, são diferentes, de acordo com o ponto de vista utilizado. Durante a pesquisa sobre a autora escolhida, encontramos as seguintes coletâneas de contos: *Outono Verde* (1960), *A volta das Andorinhas* (1963) e *Memórias de uma cadeira de balanço* (1975). Entretanto, apesar de uma vasta quantidade de

contos produzidos, os últimos resquícios de uma memória crítica encontram-se, no ano de 1965, em alguns jornais da região do Paraná e, em 1979, na coletânea de contos *Panorama do Conto Paranaense*. Com isso, levanta-se a indagação: o que provoca o apagamento/silenciamento de uma obra literária e para onde vão as memórias? Com essa problemática em mente, e considerando a necessidade de resgatar literariamente a autora supracitada do esquecimento literário, evidencia-se a relevância de analisar seus contos, a partir dos estudos de Elaine Showalter (1994), por meio da perspectiva Ginocrítica, considerando, primeiramente, a escritora enquanto produtora de obras extremamente relevantes, ao observar sua abordagem escrita e inventividade estilística. Com isso, além de trazer à tona a obra da autora Jandyrá de Almeida França, busca-se, por meio dessa pesquisa, estabelecer relações entre seus contos “Geralda”, “Mãe demais”, “A mulher da estrada” e “Memórias de uma cadeira de balanço”, publicados entre os anos de 1963 e 1975, nas obras *A volta das Andorinhas* (1963) e *Memórias de uma Cadeira de Balanço* (1975), levando em consideração as narrativas quanto a sua temática da tragicidade, uma vez que a construção cultural e as imposições de ordem social condicionam as mulheres e as impelem a sentirem-se incompletas e dependentes, Simone de Beauvoir (1967) afirma que o casamento e a maternidade, por vezes, são convencionalismos criados para que as mulheres acreditem que estão escapando do “abandono original” (BEAUVOIR, 1967 p.194), posto que se sentem necessárias e privilegiadas ao cumprir tais papéis sociais. Silva (2010) argumenta que o isolamento, a solidão, seriam como um tipo de destino cruel para as mulheres que subvertem as ordens do masculino. Essa solidão tem sido mote para muitos estudos: “As mulheres e a solidão têm andado de mãos juntas. As razões são múltiplas.” (DEL PRIORE, MARY, p.92, 2001). As personagens femininas criadas pela escritora paranaense partilham desse destino solitário. Assim, observa-se a relevância de compreender os traumas e os estigmas causados pelas imposições sociais como os principais, mas não únicos, causadores de dor e sofrimento na trajetória narrativa de muitas personagens que seguem um caminho comum: dependência, desamparo e solidão. Essas trajetórias estão associadas a formação cultural, na qual se idealiza o casamento e a maternidade como caminhos únicos/inevitáveis, criando, para a mulher a necessidade de completude e dependência; quando ocorre a quebra desses vínculos por algum motivo, a mulher sente a amargura do desamparo, culminando na solidão. Nesse sentido, etimologicamente, o termo solidão origina-se da palavra latina “solus”, que, segundo Cunha (2001), significa estar só, solitário, desacompanhado e único. O dicionário eletrônico Houaiss (2009) também destaca como raiz etimológica desse termo a expressão “solitudo”, significando desamparo, abandono e retiro. De “solus” deriva a palavra “desolo” e o verbo desolar, que se define como deixar só, despovoar, devastar, assolar, destruir (MACEDOCOUTO e JUNIOR, 2017). Pinheiro e Tamayo (1984), abordam algumas dimensões da solidão dentro da área da Psicologia Social, considerando-a como falta de significado e objetivo de vida, reação emocional, sentimento indesejado e desagradável, sentimento de isolamento e separação, deficiência nos relacionamentos e *Unattachment*. Além disso, é importante valer-se de outros aparatos teóricos, como a solidão no campo da Filosofia, para Martin Heidegger, em *Ser e Tempo* (1927/2006), “nossa essência é nossa própria existência, e existindo já existimos com o outro; coexistimos, e enquanto tal já estamos lançados em um mundo enquanto totalidades de significações históricas e socialmente sedimentadas” (*apud* MACEDOCOUTO e JUNIOR, 2017, p.10). No que concerne à crítica feminista, muitos textos de autoria feminina são estudados sob o recorte da solidão, geralmente como resultado da opressão e dominação masculina, por meio das quais as mulheres são levadas a reproduzirem padrões impostos pela ordem social a partir de uma formação histórico-cultural que as impede, por vezes, de alcançar a

essência da própria existência. Para contemplar essa ampla discussão, o trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro contemplará um apanhado histórico mais geral, que abrangerá as conquistas dos estudos feministas, movimento intelectual de resistência e militância, no sentido de teorizar o lugar da mulher na história literária e os possíveis recursos enunciativos que marcam a escrita de autoria feminina, para tanto serão utilizados teorias críticas feministas, baseados nos textos de Elódia Xavier (1991) *Reflexões sobre a narrativa de autoria feminina*, Michelle Perrot (2007) *Minha história de Mulheres*. O segundo capítulo será destinado para uma abordagem mais específica da história das mulheres nas letras paranaenses e a (in)visibilidade delas no campo de produção literária, especialmente, no conto paranaense, bem como para tratar do resgate da história e memória de Jandyra de Almeida França, para tal abordagem será utilizado o texto de Níncia Teixeira (2008) *Escrita de mulher e a (des)construção do cânone literário na pós-modernidade: cenas paranaenses* e alguns outros textos que ainda estão em análise para inserção no corpus teórico. O último capítulo contará com a análise dos contos “Geralda”, “Mãe demais”, “A mulher da estrada” e “Memórias de uma cadeira de balanço”. Nesse último capítulo então, traremos para o escopo analítico diversas figuras discursivas que remetem a temática da solidão, como: tempo, espaço, objetos, configuração psicológica das personagens, pistas enunciativas e escolhas lexicais e se buscará evidenciar a temática da solidão a partir de alguns teóricos como Heidegger e Bauman. Assim, pretende-se dar visibilidade à autora e contribuir para os estudos de autoria feminina, fazendo um apanhado de suas três obras, para, secundariamente, investigar nos contos que compõe o corpus literário da pesquisa os impactos sociais, a condição da mulher e o destino de solidão imposto a muitas delas, traçando um percurso pelas narrativas e evidenciando o modo pelo qual os recursos literários são utilizados pela autora para construir a temática da solidão.

BIBLIOGRAFIA

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo: A Experiência Vivida**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980.

CHARTIER, Roger. Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: **A História Cultural entre práticas e representações**. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 13-28.

CUNHA, A. (2001) **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. São Paulo: Nova Fronteira.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias do cotidiano**. São Paulo, Contexto, 2001.

FRANÇA, Jandyra de Almeida. **Outono Verde – Pequenas histórias**. Papelaria Requião. Curitiba, 1960.

FRANÇA, Jandyra de Almeida. **A volta das Andorinhas**. Papelaria Requião, - Curitiba, 1963.

FRANÇA, Jandyra de Almeida. **Memórias de uma cadeira de balanço**. O formigueiro, Curitiba, 1975.

FUNCK, Susana Bornéo. **Crítica literária feminista- uma trajetória**. Série Estudos Culturais. Florianópolis: Insular, 2016.

HOUAISS, A. (2009). **Novo dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. **Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura**. São Paulo, Rocco, 1994.

MAZZONI, Vanilda Salignac. **A escrita feminina, em busca de uma teoria**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997.

MACEDOCOUTO, Graco Silva; JUNIOR, Almir Ferreira da Silva. **Solidão: do patológico ao ontológico**. Estud. pesquis. psicol., Rio de Janeiro , v. 17, n. 1, p. 7-24, jan. 2017 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812017000100002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 19 jul. 2022.

MURICY, Jose Candido de Andrade. **Panorama do Conto Paranaense**. Curitiba, Fundação Cultural, 1979.

PERROT, Michele. **Minha história das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2013.

SCHNEIDER, Liane. A representação do feminino como política de resistência. In: PETERSON, Michel e NEIS, Ignácio Antonio (Orgs.). **As armas do texto: a literatura e a resistência da literatura**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000. p. 119-139.

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.p.23-57.

SILVA, A. (2017). Aspectos psíquicos de personagens da literatura contemporânea de autoria feminina: dependência, vingança, solidão. **Terceira Margem**, 13(20), 47-69. Recuperado de <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/11036>.

TAMAYO, A., Pinheiro, A. (1984). Conceituação e definição de solidão. **Revista de Psicologia da Universidade Federal do Ceará**, Fortaleza, 2(1).

TEIXEIRA, N. **Escrita de mulher e a (dês)construção do cânone literário na pós-modernidade: cenas paranaenses**. Guarapuava: UNICENTRO, 2008.

XAVIER, Elódia. Reflexões sobre a narrativa de autoria feminina. In: XAVIER, Elódia (Org.) **Tudo no feminino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de Autoria Feminina. In: BONNICI, Thomas; Zolin, Lúcia Osana (Orgs.) **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eudem, 2009. p.327-336.

AS CARTAS E OS ARQUIVOS COMO INSTRUMENTO DE CONSTRUÇÃO E LIBERTAÇÃO DAS VOZES LITERÁRIAS APRISIONADAS NAS DITADURAS

Eduardo Luiz Baccarin Costa (Doutorando)

Telma Maciel da Silva (Orientadora)

“A Crítica Genética incorpora aos estudos da arte um objeto para além dos limites da obra assim como é entregue ao público: seu processo de criação.”, afirma Salles (2008, p. 33). Nas correspondências e nos arquivos dos artistas, é possível perceber não apenas o seu percurso criativo como também os conflitos e os desejos desses produtores de ver sua arte chegar a todos. Muito desses arquivos podem mostrar não só como foi construído determinado texto literário, mas também toda a trajetória do autor até constituir o seu próprio estilo. A “Crítica genética surgiu com o desejo de melhor compreender o processo de criação artística” (SALLES, 2008, p.12), pois esta oferece novas possibilidades de como olhar as obras, tanto depois de prontas, como em todo o seu processo de criação. Nas margens das cartas e dos rascunhos estão pistas importantes que podem mostrar o percurso percorrido pela obra até chegar a uma forma final, ou quase acabada, uma vez que o fazer literário nunca deve ser considerado algo pronto, pois renasce em significados a cada leitura, a cada possibilidade de interpretação e resignificação. A palavra não nasce pronta. Muitas vezes ela sequer nasce, ao menos textualmente. Cartas, arquivos, diários, notas em rascunhos – enfim a prática epistolar como um todo – podem ser vistos tanto como uma enunciação discursiva, mesmo antes de estar pronto, acabado como um texto literário em si. O enunciado não concluído numa missiva íntima ou uma anotação pouco legível pode constituir em pista importante para se identificar traços do autor e da obra não claramente manifestos. Da mesma forma, os silêncios entre as correspondências ou intrínseco a elas, podem mostrar não apenas uma obra de arte em processo, mas todo um fazer artístico em construção. Em nossa pesquisa procuramos estudar como algumas vozes que foram aprisionadas – física e mentalmente – conseguiram se fazer livres, e construir um estilo, revelando esses traços em cartas, rascunhos, rabiscos, desenhos. Para isso além dos estudos da epistolografia, da Crítica Genética e da Análise do Discurso, também nos debruçaremos nos conceitos teóricos que analisam a Memória Literária como forma de registro e resistência a períodos sombrios. Memória e Resistência são duas palavras que não qualificam apenas nossos estudos, como duas das funções essenciais da literatura. Ser o farol que ilumina novos caminhos para que erros do passado não se repitam ou ser um obstáculo quase intransponível nas tentativas de cercear a liberdade, a dignidade humana, o direito e a voz das minorias são algumas das razões do fazer literário. De que maneira a literatura deixa a opressão da censura e da coação para se tornar em instrumento de memória e resistência, articulando passado e presente, é a uma das perguntas que pretendemos percorrer na tese. Um outro questionamento que pretendemos responder é como as cartas e os arquivos pessoais dos autores revelam o processo de amadurecimento não só da obra, mas do autor e de como seus registros íntimos podem nos fornecer os elementos constitutivos desse processo. Para tanto escolhemos três autores e obras de gêneros distintos, mas cujas obras se imbricam não só no momento histórico como também na forma como foram constituídas. Lobo Antunes, Glauber Rocha e Thiago de Mello têm em comum não só a releitura de um passado histórico em suas obras, como a resistência inata que a arte literária impõe por si só. Mesmo com estilos tão pessoais e distintos, os autores escolhidos estabelecem diálogos entre suas obras, apesar de parecer improvável num primeiro momento. E não

é apenas a Crítica Genética que os une, apesar de ela ser uma fonte teórica bastante relevante para entendermos melhor a produção e a construção desses artistas como produtores literários. Fatos históricos e gêneros aparentemente distintos provocam aproximações. Como aconteceu, por exemplo, em 17 de novembro de 1965, Glauber e Thiago – com outros seis intelectuais brasileiros – foram presos pela Ditadura recém iniciada por vaiarem o então Presidente Castelo Branco numa Assembleia Itinerante da OEA. Na prisão nasce o roteiro do filme mais poético e literário de Glauber – *Terra em Transe* – e muitos dos poemas que comporão a edição definitiva de *Faz Escuro mas eu Canto*, de Thiago de Mello. Nas poesias de Paulo Martins – o personagem do filme do cineasta baiano- e do amazonense a síntese do mesmo tema: era preciso passar o Brasil a limpo e se impor como resistência à ditadura por meio da arte. Exatamente o mesmo mote de boa parte do autor lusitano António Lobo Antunes, especialmente, de sua trilogia inicial quando propõe uma revisitação ao passado português, descortinando o que a Ditadura Salazarista procurou esconder nos quase cinquenta anos que governou Portugal. Além disso, Glauber – no seu primeiro autoexílio em 1972 – esteve em Portugal e lá trabalhou com vários cineastas portugueses. Em 25 de abril de 1974, ele estava em terras lusitanas e ajudou a produzir o importante documentário “As armas e o povo” que começa a revelar, pela sua lente, muito daquele Portugal que figurará, cinco anos depois, nos romances iniciais de Lobo Antunes. Processo bastante similar, Thiago fazia com Neruda, em Santiago, ao compor versos grandiosos nos quais o “amor armado” se impunham. Uma verdadeira ampliação do personagem concebido por Glauber no presídio. Mesmo com todos esses pontos de contato em comum do ponto de vista histórico, é nas cartas íntimas e nos arquivos pessoais que podemos não apenas ver os autores se constituindo como revelando o seu projeto estético. Para Ricoeur (2007) a memória traz à luz a experiência que o indivíduo tem de (re) significar ou de (re)presentar; assim sendo, ela permite trazer à tona dados que não se encontram no presente, fazendo com que se repense sobre algo, que se reflita sobre alguma realidade. Memórias que são evocadas nas cartas. Cartas que são escritas ou silenciadas a fim de que se entenda melhor o processo mnemônico no palimpsesto que é a história. É nesse ponto de junção que se encontra nossa pesquisa. Para isso estruturamos o trabalho em quatro longos capítulos: três descritivos e um, ainda maior, analítico no qual faremos não apenas a análise estética como a junção dos autores e onde buscaremos as respostas para as hipóteses da tese. No primeiro capítulo, estudamos as cartas que Lobo Antunes enviou para sua esposa, Maria José, quase que diariamente nos dois anos em que esteve a serviço do exército lusitano na Guerra de Angola, e sua relação com os três romances iniciais da sua fortuna crítica. As mais de quatrocentas cartas foram compiladas pelas filhas e lançadas no livro *Deste viver neste papel descripto* publicado em 2005. Nelas, Lobo Antunes relata todas as angústias de quem passa por um confronto bélico quanto revela seu projeto de viver exclusivamente da literatura, que está sendo gestado enquanto atende os feridos de guerra, como se vê em: “Escrevo-te de manhã, no gabinete da enfermaria, enquanto espero mais 3 evacuados. Foi o outro médico que aqui está comigo que, desta vez, os foi buscar. Ontem à noite acordámos todos ao som de tiros: devias ter-me visto, de pijama e arma como um coronel de reserva, a sair a correr para a parada, descalço! ... Talvez, realmente, como o Hemingway sustentava, a experiência de guerra seja importante para um homem.” (ANTUNES, 2005, p. 38). Ao estudarmos as cartas, pretendemos levantar questões que nortearam a produção da “Poética do Retorno”. No segundo capítulo analisamos a trajetória do poeta Paulo Martins, protagonista de *Terra em Transe*, e como as cartas e os arquivos de Glauber Rocha, além de suas leituras, foram decisivas para a construção do cinema poético, engajado e crítico que o cineasta produziu. Para isso fazemos algumas análises entre os

poemas do diretor e do poeta Mário Faustino, um verdadeiro ícone para Glauber Rocha e que é homenageado no filme, trazendo alguns de seus poemas. Processo que repetimos no terceiro capítulo trazendo as cartas (algumas inéditas) de Thiago de Mello e de como elas – e seus manuscritos – mostram como foi construída a trajetória da poesia e como a memória é evocada em todos eles. Para análise dos poemas usaremos os referenciais e os estudos de Antônio Cândido, Alfredo Bosi, Norma Goldstein, Otávio Paz, Manuel Bandeira, entre outros. Como referência inicial dos aspectos pertinentes à memória e a literatura de resistência usaremos os estudos de Márcio Seligmann-Silva, Paul Ricoeur Renato Franco, Silviano Santiago, Eurídice Figueiredo, Regina Dalcastagne, Leila Perrone-Moisés, entre outros. Para os estudos acerca da obra de Glauber Rocha e do personagem Paulo Martins usaremos os referenciais de Ivana Bentes, Rancière, Andrey Tarkovsky, Alfredo Bosi, Pier Paolo Pasolini, entre outros. Para os estudos em torno da obra de António Lobo Antunes e da Literatura Portuguesa Contemporânea embasaremos a pesquisa com os estudos de Ana Paula Silva, Maria Alzira Seixo, Carlos Reis, Clenir Oliveira, Luís Mourão, Álvaro Machado, entre outros. E para os estudos em torno da Crítica Genética, usaremos os estudos de Cecília de Almeida Sales, Marco Antonio de Moraes, Haroche-Bouzinac entre outros

REFERÊNCIAS

ANTUNES, António Lobo. **Conhecimento do inferno**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

ANTUNES, António Lobo. **D'este viver aqui neste papel descripto**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005.

ANTUNES, António Lobo. **Os cus de Judas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

ARNAUT, Ana Paula. **António Lobo Antunes**. Lisboa: Edições 70, 2009

ARNAUT, Ana Paula, **As mulheres na ficção de António Lobo Antunes: (in)variantes do feminino**, Alfragide, Texto Editores, 2012.

BACCARIN-COSTA, Eduardo Luiz. **Memória e Resistência: Uma Análise dos Romances Pessach : a travessia e de Os cus de Judas**. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Estadual de Londrina. Londrina- PR, 2019.

BANDEIRA, Manuel. **Poesia Completa e Prosa**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1990.

BENTES, Ivana. **Introdução a Glauber Rocha, Cartas ao mundo**. São Paulo, Companhia das Letras, 1997

BENTES, Ivana. **Terra de fome e sonho: o paraíso material de Glauber Rocha**. Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação (bocc), 2002. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bentes-ivana-glauber-rocha.pdf>>. Acesso em: 29.nov.2021

CABRAL, Eunice. **Tempo e espaço na obra literária de Lobo Antunes**. Études Romanes de BRNO, vol. 30, Praga, Rep. Tcheca, 2009.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CYTRYNOWICZ, Roney. O silêncio do sobrevivente: diálogo e rupturas entre memória e história do holocausto, in SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, memória, literatura: o Testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003. p. 103-128

DIAZ, José-Luis. **Qual a genética para as correspondências?** Tradução de Cláudio Hiro com a colaboração de Maria Sílvia Ianni Barsalini. Genesis. Revue Internationale de Critique Génétique, Paris, n.13. 1999. p.100-144.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. **Escritas Epistolares**. Tradução de Lúcia Fonseca Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

LOBO, Julio Cesar. **Precisa-se de um líder e de um poeta** (Prática poética e prática militante no filme Terra em Transe, de Glauber Rocha), in Cadernos de Ciências Humanas – Especiarias, vol. 10 n.17, p. 113-136 Salvador, 2007.

LOURENÇO, Eduardo. Divagação em torno de Lobo Antunes. In: ZURBACH, Christine et al. (Org.). **A escrita e o mundo em António Lobo Antunes**. Lisboa: Dom Quixote, 2004. p. 347-355.

LYRA, Pedro. **Conceito de poesia**. São Paulo: Ática, 1986. Série Princípios.

MORAES, Fabricio Tavares de. Reconhecimento do desespero: Uma leitura de António Lobo Antunes. in **Revista Darandina**. vol.5 num.1, p. 1-11. Juiz de Fora (MG). UFJF, 2012.

MORAES, Marco Antônio. de. Epistolografia e crítica genética. **Ciência e Cultura** (SBPC), São Paulo, v. 59, n. 1, p. 30-32, jan./mar.2007.

PONTES, Margarida Joana Quaresma Tomás. **Sinais de Vida: Cartas da Guerra 1961-1974**. Tese de Doutorado (Doutorado em História). Universidade de Lisboa, 2018. Disponível em https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/15770/4/phd_joana_tomas_pontes.pdf, acesso 21.mar.2022.

REBECHI JUNIOR, Arlindo. **Glauber Rocha, ensaísta do Brasil**. 2011. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. doi:10.11606/T.8.2011.tde-15022012-113352. Acesso em: 2021-12-24.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SALLES, Cecília Almeida: **Crítica Genética: Fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística**. São Paulo: Educ, 2008.

SEIXO, Maria Alzira. **Dicionário da obra de António Lobo Antunes**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2002.

WILLEMART, Philipe. Crítica genética e história literária. In: **Manuscrita**: revista de crítica genética. São Paulo, nº 10, junho de 2005, p. 2- 21

VALE, Glaura S.C. A escrita como resistência em António Lobo Antunes. **Revista Em Tese**, vol. 20, n. 2, p.150-170. Belo Horizonte, 2014. Disponível em <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/issue/view/303>>, acesso em 31/03/2018.

A PRESENÇA E IMPORTÂNCIA DO ESTRANGEIRO NA OBRA DE ALBERT CAMUS

Fernando Paixão Rosa (Mestrando)
Laura Taddei Brandini (Orientadora)

O escritor Albert Camus, ficou conhecido por abordar temas filosóficos relacionados ao humanismo ao longo de suas obras, dos romances até seus ensaios. Ainda assim, a obra do escritor abordou uma diversidade de temas adjacentes que foram recorrentes e tão importantes quanto os pilares filosóficos de sua obra, o Absurdo e a Revolta. Em *O estrangeiro* (1942), além de título do livro que primeiro colocou Camus diante dos holofotes na literatura, é também um conceito que está presente em praticamente toda a obra literária do autor, assim como também ocorre com o tema do exílio. Ainda, diferente de outros conceitos como o Absurdo e a Revolta, trabalhados pelo autor em outras áreas como a filosofia, os conceitualizando de forma ensaística, o estrangeiro e o exílio permaneceram presentes apenas no âmbito literário de Camus. No entanto, percebendo a recorrência do estrangeiro e sua importância em seus textos literários, faz necessário que lancemos luz sobre tal conceito dentro de sua obra, pois mesmo não tendo teorizado de forma filosófica a ideia de estrangeiro, como escrito pelo próprio autor em seus cadernos, “Se quiser ser filósofo, escreva romances” (CAMUS, 2014, 16). Pensando nisso abordo o romance *O estrangeiro* como uma fonte de estudo, por excelência, sobre o estrangeiro em seus mais diversos aspectos, seja socio-geográficos, políticos, filosóficos, psicológicos entre outros. Mas antes de entrar especificamente na obra de Camus, foi e continua sendo realizada pesquisa e estudo sobre o conceito de estrangeiro, suas origens e algumas de suas incidências na literatura e áreas como antropologia e sociologia, utilizando Georg Simmel, Julia Kristeva, entre outros autores como aportes teóricos sobre o tema. Já com relação à obra camusiana, em um primeiro momento estão sendo analisados os aspectos e categorias, ou seja, as manifestações de estrangeiro na obra *O estrangeiro*. Feito isso, em um segundo momento, relacionarei as incidências do tema e sentido de estrangeiro também encontrados em *A peste* (1947) e abordarei brevemente a presença do estrangeiro em *A queda* (1956), utilizando *O estrangeiro* e outros textos de Camus como um aporte teórico. Com relação aos romances propriamente ditos, um dos aspectos mais marcantes de estrangeiro em *O estrangeiro* é relacionado aos aspectos sociais, como ritos e socialização, pois os fenômenos culturais e de identificação cultural também criam as fronteiras da criação do Eu, do indivíduo, logo criando uma diferenciação do outro, evocando um senso de estrangeiridade. Se entendermos o estrangeiro como aquele que não pertence a um lugar determinado geograficamente, também é possível diferenciar o Eu e o outro a partir de aspectos sociais e culturais, afinal, “nas relações mais íntimas de pessoa a pessoa, também, todas as atrações e significâncias possíveis no cotidiano das experiências simbolizadas podem revelar o estrangeiro.” (SIMMEL, 1908). Nesse sentido, vemos como Mersault acaba atuando como um estrangeiro logo nos primeiros momentos do romance ao agir de forma completamente diferente ao que se esperaria diante da morte de sua mãe, durante a vela, o enterro e o luto. Mesmo ao recebimento da notícia do falecimento da mãe sua reação é consideravelmente incomum “Hoje, a mãe morreu. Ou talvez ontem, não sei bem.” (CAMUS, 2016, 07). Sua reação fria e aparentemente indiferente aos aspectos desses ritos e aspectos sociais relacionado a morte, neste caso, principalmente a morte de sua mãe, gera todo um estranhamento por parte das demais personagens para com relação a Mersault, sendo um ponto decisivo em seu julgamento ao final do romance, como a própria personagem reflete ao final do romance “Que

importava se, acusado de um crime, era executado por não ter chorado no enterro da minha mãe?” (CAMUS, 2016, 169). Ainda, esse aspecto sociocultural é apenas um dos diversos pontos em que podemos encontrar o estrangeiro na obra. Outro aspecto de estrangeiro acompanhado por sua estranheza na obra está na própria maneira em que ela foi escrita e narrada. Além de utilizar um tempo verbal (passé composé do francês) inusual nos romances até ali. A própria construção frasal, de períodos curtos e de aparência descontínua deste narrador-personagem podem se mostrar em algum grau desconexas ou independentes umas das outras sendo bem observado por Sartre em seu artigo “Explicação de O estrangeiro”. Para além da linguagem Sartre também observa o choque que as atitudes e pensamentos de Mersault podem causar aos leitores em primeiro momento assumindo que “em vão tentariamos segundo nossas normas habituais: também para nós ele é um estrangeiro” (SARTRE, 2005, 120). Em A peste, romance pertencente ao ciclo camusiano da revolta, o tema do estrangeiro aparece na forma de diversos aspectos, seja geopolítica, social, psicológica, mesmo filosoficamente. Nesse romance publicado pouco tempo após o término da Segunda Guerra Mundial, acompanhamos o médico Rieux, entre uma diversidade de outros personagens, numa Orã sitiada em um estado pandêmico. Neste romance especialmente há a oportunidade especial de estudo do estrangeiro em um cenário singular: A situação epidêmica apresentada nesta obra, que voltou a ficar em foco no decorrer da pandemia de COVID-19, mostra como um momento de crise e calamidade como esse, e mais especificamente no contexto do livro, a doença, o sítio, as medidas combativas e os efeitos da peste podem tornar (ou realçar as relações que tornam) em estrangeiros entre si e ao mundo não apenas a população, como a própria cidade se torna um território isolado, estrangeiro, à sua capital. Se enquanto em O estrangeiro Mersault canaliza ou ressalta o estranho, o espírito do estrangeiro, em A peste a doença é quem toma esse papel evidenciando tanto aspectos psicológicos como sociais que envolvem o diferente de si, o outro, o estrangeiro. No atual momento da pesquisa termino de elencar as categorias de estrangeiro em O estrangeiro, como se manifestam e afetam as personagens. Neste primeiro capítulo que também é dedicado a teorizar e refletir o que é, ou quem é um estrangeiro e suas manifestações no pensamento literário de Camus. O segundo capítulo será dedicado a relatar as manifestações do estrangeiro em A peste, me baseando principalmente naquelas encontradas nas análises presentes no primeiro capítulo sobre o romance antecessor, logo, observando os aspectos recorrentes de estrangeiro na obra camusiana.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, R. Reflexões sobre o estilo de O Estrangeiro. In **Inéditos: Críticas**. v. 2. Trad: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 42-51.
- BARTHES, R. O Estrangeiro, romance solar. In **Inéditos: Críticas**. v. 2. Trad: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 92-98.
- BARTHES, R. A Peste, Anais de uma epidemia ou romance de solidão: Resposta de Roland Barthes a Albert Camus. . In **Inéditos: política**. v. 4. Trad.: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 44-53; p. 58-59.
- BARTHES, R. **O grau zero da escrita**. Trad.: Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CAMUS, Albert. **O Avesso e o Direito**. Tradução de Valerie Rumjanek Chaves. – 18ª Ed. – Rio de Janeiro: Record, 1995.

CAMUS, Albert. **A peste**. Tradução de Valerie Rumjanek Chaves. – 18ª Ed. – Rio de Janeiro: Record, 2009.

CAMUS, Albert. **O estrangeiro**. Trad. Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, s/d, 2016.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Trad. Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2008.

CAMUS, Albert. Cadernos (1935-1937): **A esperança do mundo**. Tradução Rafael Araújo e Samara Geske. São Paulo: Hedra, 2014

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Tradução de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico - 9a edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. 4a edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993a.

SARTRE, Jean-Paul. Explicação de O estrangeiro. *In*: SARTRE, Jean-Paul. **Situações I**. Trad. Cristina Prado. São Paulo: CosacNaify, 2005.

SIMMEL, Georg. Soziologie. **Untersuchungen über die Formender Vergesellschaftung** (Sociologia. Estudos sobre as formas de sociação). Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. Berlim, Duncker e Humblot Editores, 1908. p. 509 a 512.

WEBER, Max. **Conceitos Sociológicos Fundamentais**. Lisboa: Edições 70, 1991.

COMUNIDADES HÍBRIDAS DE SAVAGEAU E LIMA: AS POTENCIALIDADES NA RELAÇÃO HUMANO E MAIS QUE HUMANO

Henrique de Paiva Soares (Mestrando)
Angela Lamas Rodrigues (Orientadora)

É comum encontrarmos na literatura obras que estabelecem relações binárias entre o animal humano e os outros animais. Essa dualidade centralizou o humano no papel do explorador, ou seja, daquele que conquista, usurpa e coloniza o ambiente em que vive em detrimento do outro, necessariamente passivo e explorado. Martha D'Angelo (2019), ao tratar da relação de cultura e progresso em Walter Benjamin, mostra como de fato a própria cultura moderna se constituiu a partir dessa separação, concluindo que “o processo de formação da cultura, opondo o homem à natureza e aos seus semelhantes, nos conduziu a um estado geral de alienação e a um mal-estar insustentável” (D'ANGELO, 2019, p. 32). Esta cisão aparece triunfantemente em Aristóteles, para quem o homem é o animal político, justamente por ser o único possuidor de razão. Assim, o ser do homem apaga a animalidade e coincide com a evidência do pensar (Nunes, 2011). A teoria mecanicista de Descartes colocaria os animais como corpos sem alma, um mecanismo: uma máquina a serviço do humano. Mais tarde, o questionamento desta polaridade apareceria em filósofos como Nietzsche, Derrida, Lestel, Plumwood, entre outros, que desafiaram o racionalismo e a posição central ocupada pelo ser humano no pensamento ocidental. Na atualidade, são muitas as literaturas que desafiam a suposta separação do humano em relação a tudo que o cerca. Para Plumwood (2005), por exemplo, “[a] cultura e a ciência antropocêntricas concebem a natureza e os animais como inferiores, como iguais em sua falta de razão, mente e consciência, que é retida da esfera não humana através da aplicação de um vocabulário “racional” hiper-separado” (p. 108, tradução minha). Em realidade, tal binarismo representa uma prática especista que considera e trata de forma comparativamente inferior e injustificada aqueles que não são classificados como pertencentes a uma certa espécie, ou que são classificados como pertencentes a uma espécie cujos membros são marginalizados (Horta e Albersmeier, 2020, p. 4, tradução minha). Na mesma medida, o antropocentrismo representa uma posição privilegiada do humano como centro, posição esta que deve ser entendida enquanto resultado de um processo histórico. A partir de tais perspectivas, delineia-se uma pesquisa que objetiva buscar, nos textos literários selecionados, evidências da manifestação de comunidades híbridas, termo entendido por Lestel (2011) como um espaço onde há interações entre viventes, com características específicas que não os tornam superiores ou inferiores, mas diferentes, resultando numa relação em termos de complementariedade e não uma reconstrução da estrutura dicotômica. A partir disso, busca-se demonstrar como essas comunidades desconstróem as noções de “centro” e de “eu”. O *corpus* consistirá nas obras *Mother/Land* (2006), da escritora canadense-abenaki Cheryl Savageau, e *Animais Floridos*, do londrinense Vinicius Lima. Consideradas as especificidades dos autores, suas poesias dialogam e confluem para um espaço de saber e experiência que tem no anti-especismo e na relação não hierárquica entre viventes a sua tônica. A dissertação se desdobrará em três capítulos. No primeiro capítulo investiga-se como o mais que humano representa uma força vívida, imprevisível e dotada de finalidade, características que o distingue das coisas e que destrona a visão cartesiana dos animais como seres ordenados mecanicamente (p. 178, STEINER, 2010). A partir das análises dos poemas *Red* (p. 26) e *Amber Necklace* (p. 4) de Savageau, nota-se que as comunidades híbridas representam a multiplicidade na interação entre seres humanos e mais que humanos. Essa interação surge a partir de

um contato horizontal entre viventes, que manifestam o que lhes é comum e se aproximam. Por exemplo, no poema *Amber Necklace*, tem-se duas fontes de saber, a formiga e o pai, que, para a voz lírica, ocupam o mesmo lugar de herança, numa virada não-especista e não antropocêntrica. A voz lírica reconhece que ambos os saberes são necessários para que a alienação e o mal-estar da fome, reflexos de um processo de destruição cultural e ambiental, possam ser administrados. Em Londrina, Lima (2016) parece dialogar com Savageau ao reconhecer a integração dos seres no poema 5 (p. 55). A voz lírica de Lima ora à araucária e ao ar para se integrar com o que flui no espaço. Isso é relevante no poema por demonstrar que, através da horizontalidade do fluir, alcança-se a integração dos seres, eliminando, inclusive, a ilusão de que a voz lírica não estaria incorporada ao espaço que ocupa. A voz lírica supera então a ilusão de não-integração do 'eu' ao 'outro' no processo de fluir, tornando-se consciente de sua indissociabilidade em relação ao demais viventes. No segundo capítulo, recorro ao conceito de desconstrução (Jacques Derrida 1981, 2002) para identificar o que ganha forma quando a hierarquia humano-animal se dissolve dentro de uma comunidade híbrida. A desconstrução ocorreria em dois movimentos: primeiramente, seria necessária a inversão dos pólos, num processo em que a atenção se desloca do termo dominante para o termo dominado, em outras palavras, do centro para as margens. Num segundo momento, um *overturning* leva à derrubada da própria estrutura que outrora mantinha o centro. Essa etapa exige esquecer a característica subordinativa e conflitual da estrutura oposicional, de tal forma que não ocorra uma mera inversão dos papéis. Pensados a partir desta tônica, os poemas *Ant Tree* (p. 14) de Savageau e 14 (p. 32) de Lima, desconstroem o domínio da razão humana ao exigir que o leitor experiencie o processo narrado e não o racionalize a priori. Com isso, é possível identificar o movimento descrito por Derrida de inversão como parte constituinte do processo de desconstrução. O *overturning* surge através da manifestação das comunidades híbridas em seus poemas. Lima cria no poema 14 (p 32) um cenário complexo no qual cada ser, com suas características específicas, contribui para um ecossistema no qual a razão humanista não vê espaço para reocupar sua posição hierárquica. O mesmo ocorre na comunidade híbrida criada por Savageau, na qual a voz lírica humana, as formigas e a árvore estabelecem um sistema em que cada elemento, a partir de suas capacidades específicas, sustenta os demais. É da integração e do contato entre os viventes que nascem as comunidades híbridas, impedindo construções de um 'eu' isolado. O terceiro capítulo tratará dessas escritas enquanto contradiscursos ao especismo e ao antropocentrismo a partir de reflexões dos Estudos Críticos Animais e do Ecofeminismo.

REFERÊNCIAS

D'ANGELO, Martha. Crítica da cultura e do progresso: nem os mortos estão seguros se o inimigo vencer. **Revista CULT: Dossiê Walter Benjamin: cultura e crítica em tempos de novas barbáries**, [s. l.], ano 22, ed. 245, p. 31-33, abr. 2019.

DERRIDA, Jaques. **O animal que logo sou**. Trad. Fábio Landa. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

DERRIDA, Jacques. Positions: Interview with Jean-Louis Houdebine and Guy Scarpetta. **Positions**, [s. l.], 1981.

HORTA, O. and ALBERSMEIER, F. (2020), **Defining speciesism**. Philosophy Compass, 15: 1-9 e12708. <https://doi.org/10.1111/phc3.12708>

LESTEL, D. A animalidade, o humano e as “comunidades híbridas”. In: MACIEL, Maria Esther. **Pensar/escrever o animal**: ensaios de zoopoética e biopolítica. 1. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. cap. 1, p. 23-54. ISBN 978-85-328-0543-0.

LIMA, Vinicius. **Animais Floridos**. Belo Horizonte: Anome Livros, 2016. 79 p. ISBN 9788598378954.

NUNES, Benedito. **O animal e o primitivo**: os Outros de nossa cultura. In: MACIEL, Maria Esther. Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica. 1. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. cap. 1, p. 13-22. ISBN 978-85-328-0543-0.

PLUMWOOD, V. **Environmental culture**: the ecological crisis of reason. Londres e Nova York: Routledge/Taylor & Francis Group, 2005.

SAVAGEAU, Cheryl. **Mother/Land**. Cambridge: Salt Publishing, 2006. 141 p. v. 1. ISBN 101844712699.

O RAP NACIONAL COM O BRASIL FRENTE AO ABISMO

João de Carvalho (Doutorando)
Maria Carolina de Godoy (Orientador)

Em 2019 o p(rof)eta tropicalista Jorge Mautner lançou o álbum musical *Não há abismo em que o Brasil caiba*, aproveitando a frase do filósofo português Agostinho da Silva. Similarmente, a afirmação sebastianista do sonhador da lusofonia é resgatada por Caetano Veloso em seu álbum de 2021, *Meu Côco*, na canção *Não Vou Deixar*, durante os versos que cantam “Nação grande demais para que alguém engula/ Aviso aos navegantes: bandeira da paz/ Ninguém mexa jamais, ninguém roce nem bula”. O abismo que parece querer engolir o Brasil é revelado pelas reflexões de tom apocalíptico por José Miguel Wisnik, em seu artigo sobre o centenário da Semana de Arte Moderna, intitulado *Rasga o Coração*, e comentado pelo autor em diversas *lives*, em especial a que ocorreu dentro do *Selvagem, Ciclo de Estudos sobre a Vida*, intitulada *Dança Cósmica, Conversa entre Ailton Krenak, Iara Rennó e José Miguel Wisnik*. Quando questionados sobre os sentidos possíveis da membrana e da fricção dos corpos, Wisnik resgata o *Choros 10* de Villa Lobos, subtítulo *Rasga o Coração*, como uma chave do modernismo para se pensar a encruzilhada em que o país e o mundo se encontram. O nome próprio do Choros 10, e do artigo de Wisnik, provém da canção popular de Anacleto de Medeiros e Catulo da Paixão Cearense, e que é citada pelo coral da obra de Villa Lobos. Os versos do poeta, amigo do grande maestro e compositor, aparecem como uma espécie de conselho para se enfrentar o abismo que vem corroendo a nação, “Se tu queres ver a imensidão do céu e mar/ Refletindo a prismatização da luz solar/ Rasga o coração, vem te debruçar/ Sobre a vastidão do meu penar”. Apresenta-se aqui a reta final da pesquisa iniciada em 2018, que se propõe mapear parte expressiva do Rap nacional produzido neste período de aprofundamento das múltiplas crises que a nação vive desde 2016. Neste período, o rap nacional vem dado mostras de sua força e vitalidade com um incontável número de obras e autores, registrando e fazendo circular temas urgentes e diversos. A pesquisa cartográfica se ocupa em registrar os imbricados rizomas que compõem um plano de forças, traçar mapas, afastando-se dos decalques que caracterizam as pesquisas mais convencionais. As ideias de análise e tese são muito problemáticas dentro do pensamento de Deleuze e Guattari, e interessam muito pouco ao pesquisador cartográfico. Por outro lado, existe uma postura cognitiva de abertura, uma atenção aos movimentos do rizoma e suas linhas de fuga, bem como uma intenção ativa de produção de subjetividade (Passos e Kastrup, 2009) que caracterizam e amparam a metodologia. Durante o período da pesquisa pode-se colocar alguns mapas em debate, seja em disciplinas do programa, simpósios, revistas acadêmicas ou capítulo de livro. Exemplo de uma destas oportunidades foi a participação no livro *Poder Preto: Literatura, cinema, teatro e rap no contexto brasileiro* (Cassiano, Franceschini e Godoy, 2021), com o capítulo intitulado *O Livro e O Sagrado Negro do Rap: Racionais Sobrevivendo No Inferno*, em que debate-se a publicação em livro do já clássico álbum do grupo. Outro exemplo importante foi a apresentação durante o *XII selisigno e XIII simpósio de Leitura da UEL: Entre as nuances da língua e da literatura - semana de arte Moderna: 100 anos*, com a comunicação *O Rap Indígena Brasileiro e o Moderno Futuro ancestral*, onde foi debatido os caminhos que o rap nacional trilhou, filiando-se aa Literatura Nativa, até transformar-se em instrumento para a voz dos artistas netos de Makunaima. Outro exemplo de publicização da cartografia desenvolvida pela presente pesquisa é a comunicação *Brisa da Cordilheira no Rap Indígena Brasileiro: Florestania Polifônica*,

apresentado durante o *XIII Abralic - Mundos Compartilhados*, em que temas como a identidade indígena e os valores culturais pré-colombianos de Abya Yala são escutados nas obras audiovisuais da compositora Brisa Flow. Alguns artigos ainda esperam parecer e alguns, que já obtiveram o parecer positivo, aguardam a publicação. Em resumo, os mapas que estão sendo gestados durante a presente pesquisa de doutorado estão cumprindo seu papel de orientar e instigar escutas deste tão vasto e rico repertório, sobre o qual ainda recai cargas de preconceitos históricos e estruturais, característicos da formação social brasileira. Ao organizar este diverso e amplo volume de escutas, a pesquisa apoiou-se em algumas cartas, mapas do inconsciente, do Tarot de Marselha. O diálogo, explícito, com esta catedral nômade de símbolos - para usar as palavras de Alejandro Jodorowsky - na literatura não é novidade, e inclui nomes de peso como André Breton (*Arcano 17*), Ítalo Calvino (*O Castelo dos Destinos que se Cruzam*) e Guimaraes Rosa (*Cartas na Mesa*). Igualmente, não é raro que o Tarot sirva de ferramenta para a crítica literária, como acontece com Francis Utéza em *JGR, Metafísica do Grande sertão*, ou com Maria Luiza Ramos, em *Interfaces: Literatura, Mito, Inconsciente, Cognição*. A música popular brasileira recorre com frequência ao tema, e de Raul Seixas (*As Minas do Rei Salomão*) a Ivan Lins (*Cartomante*), as cartas do Tarot guiam metáforas em uma densa rede de sentidos. Em videocliques, já figurou nas mãos de Ângela Ro Ro, na canção *Valete*, de Lirinha, e nas mãos de Marisa Monte, no clipe *Portas*, que abre seu mais recente álbum. Na pesquisa que aqui se apresenta, três cartas agrupam conjuntos de temas e batizam as Tendências que abrigam os mapas, são elas: O Eremita, A Roda da Fortuna e A Estrela. Os vinte e um capítulos são mapas parciais, e a visão deles como um todo compõe a cartografia proposta pela tese. Por hora, o enredo geral de partes e capítulos encontra-se assim: 1 Tenda do Eremita; 1-1 Mapas, cartas e discos virtuais; 1-2 Isolamento, solidão, noite e clareza; 1-3 O Sétimo Selo do Alienígena Negro; 1-4 Racionais Sobrevivendo no Inferno; 1-5 Exú do Blues e a Prata Alquímica; 1- 6 Sandrão RZO e o Ouro Divino; 1-7 Ambrosia Surreal na Síntese do Delírio; 2 Tenda da Roda da Fortuna; 2-1 As Parcas Moiras do Destino; 2- 2 O Carinha do M na Testa; 2-3 - Shomon na RUA dos rimadores; 2-4 - D2 e a Memória do Isolamento; 2-5 - O Bocejo de Bill Voando Baixo; 2-6 Djonga Nú no Game; 2-7 Edgar e a Exaustão da Reprodutibilidade; 3 Tenda da Estrela; 3-1 Babylonia em Ruínas; 3-2 Árvores, jarros e rios; 3-3 Browns MC's e OZ Guarani; 3-4 Kunumi MC, o novo Owerá; 3-5 Kaê Guajajara, a Kwarahy Tazy; 3-6 O Ritual de Souto MC; e 3-7 Flui a Brisa da Abya Yala. São muitas as materialidades que compõem o corpus da pesquisa, incluindo livros, como o dos Racionais (Sobrevivendo no Inferno), o de MV Bill (A Vida me Ensinou a Caminhar), e o de Wera Jeguaka Mirim, (Kunumi Guarani). Como o rap tem privilegiando produções audiovisuais, a maioria dos documentos cartografados são videocliques que podem ser acessados em vários suportes digitais. Como o Anjo Torto, no contrapelo da história, as tempestades do progresso na voz de Caetano, “Uns anjos tronchos do Vale do Silício/ Desses que vivem no escuro em plena luz/ Disseram vai ser virtuoso no vício/ Das telas dos azuis mais do que azuis”.

REFERÊNCIAS

- BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. Editora brasiliense: São Paulo, 1988.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2**, Vol. 5. Trad. Peter Pál Pelbart e Janica Caiafa. – São Paulo. Editora 34, 2012. (2ª ed.).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2**, Vol. 1. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. – São Paulo. Editora 34, 2011. (2ª ed.).

ELIADE, Mircea. **Tratado das Religiões**. Trad. Fernando Tomaz, Natália Nunes. – 5ªed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. O campo não hermenêutico ou a materialidade da comunicação. **Teresa**, n. 10-11, p. 388-409, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/116873>

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. Trad. João Paulo Monteiro. 9 ed, São Paulo: Perspectiva, 2019.

LÖWY, Michael. **A estrela da manhã: surrealismo e marxismo**. Trad.: Eliana Aguiar. 2.ed. – São Paulo: Boitempo, 2018.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio – uma leitura das teses “Sobre o Conceito de História”**. Trad. Wanda Nogueira Caldeira Brant, trad. Das teses. Jeanne Marie Gangnebin e Marcos Lutz Müller. Boitempo editorial – São Paulo, 2005.

MIRIM, Jeguaka. **Kunumi guarani**. Ilustração Gilberto Miadaiaara. – 1ed. – São Paulo: Panda Books, 2014.

MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)** / São Paulo: Paulinas, 2012.

WILLER, Cláudio. **Um obscuro encanto: gnose, gnosticismo e poesia** – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

WISNIK, José Miguel. **Maquinação do Mundo: Drummond e a mineração** – 1ªed. – São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

ZUMTHOR, Paul. **A Letra e a Voz: A “literatura” medieval**. Trad. Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira – São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PROTAGONISTAS AFRODESCENDENTES EM ROMANCES CONTEMPORÂNEOS: LITERATURA, GEOGRAFIA E IDENTIDADE

Maristella Letícia Selli (Doutoranda)
Alamir Aquino Corrêa (Orientador)

A literatura brasileira afrodescendente é um conceito que engloba temática, linguagem, autoria, público, etnia e está em processo de construção identitária. Assim, este trabalho propõe um estudo comparativo entre três romances brasileiros recentemente publicados e que ganharam destaque, tanto na mídia quanto pelos críticos literários. As obras *Torto Arado* (2019) de Itamar Vieira Junior, *Marrom e Amarelo* (2019) de Paulo Scott e *O avesso da pele* (2020) de Jeferson Tenório são narrativas protagonizadas por personagens negros, escritas por autores negros e descortinam o local em que estão ambientadas para desmascarar e denunciar o apagamento social, cultural e identitário. Segundo levantamento quantitativo feito por Regina Dalcastagnè em 2008 com dados de obras publicadas em 15 anos anteriores, as personagens negras dos romances brasileiros somavam apenas 7,9% e de mestiços 6,1%: "além de reduzida, a presença negra e mestiça entre as personagens é menor ainda quando são focados os protagonistas e, especial, os narradores. Os negros são 7,9%, mas apenas 5,8% são protagonistas e 2,7% dos narradores" (DALCASTAGNÈ, 2008). Esse cenário não sofreu mudanças importantes nos últimos anos que pudessem alterar significativamente os dados. Assim, analisar e interpretar os três romances em questão é uma tentativa de enfrentamento crítico de narrativas de exceção que compreendem temáticas e personagens que não estão comumente contempladas na literatura e o "exame das exceções pode permitir a compreensão das potencialidades e dos limites das (poucas) abordagens do tema" (DALCASTAGNÈ, 2008). Intrigante, para Duarte (2013), é ter o negro na literatura brasileira "muito mais como *tema* de como *voz autoral*". Poucos são os romances brasileiros escritos por autores negros, protagonizados e narrados por personagens negros, o que lhes confere outro lugar na literatura justificando essa pesquisa voltada para obras com estratégias narrativas diferentes, com focos temáticos que divergem do habitual e com resultados diferentes. Duarte (2013), argumenta ainda que "quando acrescentado ao texto do negro brasileiro, o suplemento 'afro' ganha densidade crítica a partir da existência de um ponto de vista específico a conduzir a abordagem do sujeito negro", voltando a narrativa para uma literatura afastada da canônica, majoritariamente escrita, protagonizada e narrada por sujeitos brancos. Assim, o livro *Torto Arado* (2019), de Itamar Vieira Junior, que venceu o prêmio Leya (2018) e teve o seu lançamento em Portugal difere das obras pelo caráter de denúncia do apagamento social e cultural. No Brasil, o romance foi premiado com os Prêmios Jabuti e Oceanos (2020) e teve uma crítica calorosa por parte dos especialistas e do grande público. A narrativa é ambientada na Chapada Diamantina, na Bahia, nos anos de 1960 e narra a história de uma família de descendentes de escravos que não têm direito à moradia e nem aos alimentos que produzem. As personagens principais são as irmãs Bibiana e Belonísia que são marcadas por um acidente em que uma delas perde a língua, cortada pela adaga prateada da avó. A divisão do livro, em três partes, marca significativamente a passagem do tempo e as mudanças pela qual as personagens principais e a terra a qual pertencem passam: "Fio de Corte", "Torto Arado" e "Rio de Sangue". Essa mesma divisão organiza as três vozes narrativas que aparecem ao longo do texto: a das irmãs, Bibiana e Belonísia e a de uma entidade do jarê, Santa Rita Pescadeira. O *Avesso da pele* (2020), de Jeferson Tenório, é narrado em segunda pessoa, por Pedro, um jovem que perdeu o pai, assassinado pela polícia, em mais uma

abordagem truculenta de rotina. Henrique Nunes, 52 anos, professor de história de escola pública, vive entre a desmotivação da profissão e o medo de ser ausente na vida do filho, assim como o pai fora na dele. A narrativa é ambientada em Porto Alegre e tece as passagens do tempo de um jovem negro em busca de seus sonhos àquele tempo de um adulto com a certeza de que a cor da pele é a propulsora das violências sofridas por ele e dos desdobramentos, incluindo seu assassinato, pela polícia, em mais uma abordagem truculenta. Por fim, *Marrom e Amarelo* (2019), de Pedro Scott tem dois fios temporais, um que está no ano presente em Brasília discutindo com servidores públicos e representantes da sociedade um software racial para validação das cotas e outro que remete a uma Porto Alegre dos anos 1980, no bairro Partenon. A articulação entre toda a trama é Federico, um homem pardo claro que vive de resgatar menores negros das ruas e sua família, principalmente a relação com o irmão, Lourenço, preto retinto, que vive uma história diferente por conta da cor da pele. O ponto de encontro é a sobrinha, filha de Lourenço, uma jovem ativista e estudante de jornalismo que coloca os irmãos, quando jovens, na capital gaúcha. Há, com essas três obras, pontos de convergência como a família negra e as subalternidades a que são impostas, a cultura de segregação, dividindo espaços territoriais ocupados por negros e brancos, o não pertencimento, o apagamento da cultura e das heranças culturais ao passo da busca pela própria identidade e o colorismo em que os tons de preto marcam as formas de racismo. Então, o objetivo da pesquisa é, a partir de um estudo comparativo dos três romances, propor uma análise e a interpretação dos conflitos pessoais, familiares e identitários das personagens. Para tanto, o arcabouço teórico da pesquisa estará baseado nos estudos de Schwarcz (1993), Nascimento (2003) e Stepan (2005) para que o processo de formação da sociedade brasileira, racista e sexista, seja compreendido e como se dá essa materialidade no texto de autoria afrodescendente, é o que pretendo investigar. Cenas como o assassinato do professor Henrique, na porta de uma escola em Porto Alegre, das vidas das irmãs Bibiana e Belonísia e a exploração da terra e da luta por comida e do não-lugar de Federico, extrapolam as questões ficcionais e remetem à minha docência e de quão cotidianas são essas relações, uma vez que leciono em escola pública e convivo com as diversidades, violências, silenciamento. Incluindo aqui as tentativas de muitos não negros de entrar na instituição burlando o sistema de cotas e outros tantos que, exercendo o direito e entrando pelo sistema, não conseguem permanecer, ter êxito e serem diplomados. Portanto, pesquisar a literatura contemporânea de exceção (DALCASTAGNÈ, 2008), é priorizar o que ainda está à margem e que está com urgência de diálogo e debates.

REFERÊNCIAS

- DALCASTAGNÈ, Regina. Quando o preconceito se faz silêncio: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. **Gragoatá**, v. 13, n. 24, p. 202-219, 2008.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 31, p. 87 - 110, 2008.
- DUARTE, Eduardo de Assis. O negro na literatura brasileira. **Navegações**, v. 6, n. 2, p. 146-153, 2013.
- JUNIOR, Itamar Vieira. **Torto arado**. Lisboa: Leya, 2019.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectiva, 2016.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 99-133

SCOTT, Paulo. **Marrom e amarelo**. São Paulo: Alfaguara, 2019.

STEPAN, Nancy Leys. A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina. In: **A hora da Eugenia**: raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

TENÓRIO, Jeferson. **O avesso da pele**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SOBREVIVENDO NO INFERNO: INTERSECÇÕES ENTRE MÚSICA E LITERATURA NO LIVRO-DISCO DE RACIONAIS MC'S

Mateus Fernando de Oliveira (Doutorando)
Luiz Carlos Santos Simon (Orientador)

“Sobrevivendo no Inferno” (1997), de Racionais Mc’s é considerado um dos maiores álbuns da história da música popular brasileira, além de ser um clássico absoluto do *rap* nacional. Em 2018, tornou-se livro pela editora Companhia das Letras e, em 2020, passou a figurar na lista de leituras obrigatórias do vestibular da UNICAMP, méritos que dão conta de antecipar a relevância do livro-disco do grupo de *rap* enquanto objeto deste estudo literário. Em termos de alcance e repercussão, o disco de 1997 já vendeu mais de 1,5 milhão de cópias, espalhando o nome do grupo composto por Paulo Eduardo Salvador (Ice Blue), Pedro Paulo Soares Pereira (Mano Brown), Edivaldo Pereira Alves (Edi Rock) e Kleber Geraldo Lelis Simões (KL Jay). O alcance de um público para além da periferia, trouxe um feito, até então, inédito para quatro jovens moradores do extremo sul de São Paulo. Sobre a publicação do livro, o rapper Emicida (2018) em entrevista para o canal Racionais TV, destacou a importância da obra enquanto livro literário: “aproxima a perspectiva do mundo literário de um Brasil, que às vezes, os dois ficam em extremos opostos, embora muita gente trabalhe em aproximá-los, ainda existe um ambiente que não alcança essa perspectiva, sacou?”. Na mesma série de entrevistas, o escritor e sociólogo Mário Medeiros (2018) afirma: “Essa é uma obra de memória, ela tem diferentes momentos de uma memória coletiva, negra, periférica” (RACIONAIS TV, 2018). O livro-disco traz narrativas que expõem as vísceras da violência urbana no Brasil, relatos ficcionais rimados e/ou cantados que revelam a violência como forma de gerenciamento da miséria e/ou como alternativa de sobrevivência. Conforme Mano Brown (2018), na coletiva Tragédias e Perseguições – Red Bull Station: “Esse disco era muito pesado, até para cantar. Viver aquilo é diferente de cantar aquilo, era um clima hostil (...) Periferia era aquilo: igreja crente de um lado, bar do outro. É o disco”. Durante o mestrado, ao estudar os contos de João Antônio, pude reparar nas expressões contraditórias das performances masculinas na literatura brasileira da segunda metade do século XX, sobretudo, na ficcionalização de ambientes hostis, conforme as narrativas do escritor. Certamente, este olhar às performances das masculinidades, permitiu-me perceber que, seja na Boca do Lixo de meados da década de 1950, ou pelas ruas do Capão Redondo da década de 1990, a literatura brasileira, sobretudo, do final do século XX traz sujeitos periféricos em condições de subalternidade, nas condições de meros sobreviventes, jamais detentores do próprio destino, por estarem à mercê do Estado, sem uma vida digna, e sem perspectivas de mudança fora da vida do crime, por conta disso, assim, muitas vezes retratados na ficção contemporânea. A expressão de violência dos homens não é em vão, o tempo das narrativas da obra gira em torno da violência urbana de São Paulo, marcada na década de 1990 por eventos como: O Massacre do Carandiru, em 1992, A Chacina da Candelária, em 1993 e a Chacina do Vigário Geral, no mesmo ano, que, oficialmente registraram a morte de mais de cento e oitenta jovens mortos. Não é à toa, a narrativa da obra é conduzida por um pastor-marginal, conforme o pesquisador Acauam Silvério de Oliveira (2018): “É uma palavra de salvação que não mais se dirige ao Estado ou a qualquer outra instância externa à própria comunidade. Ela é caminho de salvação desde que aquele que a escute compreenda e aceite os caminhos do proceder periférico” (p. 32). O livro-disco é em formato de um livro religioso, sincretizado, porém, semelhante à bíblia, o que determina a linearidade entre as passagens, narrativas concentradas na

perspectiva do bandido, do sujeito periférico, homens em situações hostis e desprivilegiadas: do cárcere à vida dura nas favelas paulistanas, as letras, na maioria das vezes rimadas, dão conta de demonstrar as relações de poder entre as masculinidades periféricas, seja no cárcere, no crime, ou na vulnerabilidade da pobreza, somadas às situações de racismo e preconceitos vividos, o que inclui as questões emocionais dos indivíduos. Ao inserir a obra no campo dos estudos literários, para além dos componentes narrativos, líricos e textuais do álbum, evoca-se o diálogo entre a música popular brasileira e a literatura. Para tanto, o primeiro capítulo desta tese, intitulado: 1. “Ritmo e Poesia: diálogos entre música popular brasileira e literatura”, procura recuperar informações da história da literatura brasileira, a fim de apontar a presença da música popular na história da literatura, por meio de parcerias entre poetas e compositores, nas serenatas, nos improvisos e, posteriormente, nas rimas e canções. O capítulo tece considerações dos primórdios da história da literatura nacional até a contemporaneidade, partindo dos estudos de TINHORÃO (2000), TINHORÃO (2002), SILVA JUNIOR (2008), WISNIK (2011), TATIT (2012), COSTA, RECAMAN (2021), NERY (2021), entre outros. O segundo capítulo: 2. “O coro dos contrários: periferia, voz e literatura”, destaca *Sobrevivendo no Inferno* (1997) na contemporaneidade, como marco de um novo momento da história da cultura brasileira de modo geral e da literatura, pois, além da estética narrativa e da lírica singular, é notável o alcance da obra periférica, a obra contribuiu para que emergisse das periferias brasileiras não somente o debate sobre representatividade, mas também para a visibilidade e o protagonismo da periferia, que na mídia, era mero retrato do desprestígio e do descaso social. Em meados do período de repercussão da obra de 1997, a periferia brasileira pode se ressignificar, de forma a fornecer atualizações culturais e artísticas, assim, passa a vigorar um novo sistema literário na periferia e, a partir dela, ao qual fundem-se literatura e vida social, por meio da vivência da escrita, do rap e dos saraus literários. Para as reflexões em torno de periferia e literatura contemporânea, destaca-se a perspectiva dos estudos culturais neste trabalho, afinal: “Toda forma de interpretar manifestações culturais encerra opções teóricas e práticas. Essas opções são tingidas pelo momento histórico em que se dão e configuram respostas às exigências e determinações dos tempos”. (CEVASCO, 2019, p. 319). Enfatiza-se a importância da abordagem nos estudos literários das menções à crítica literária consagrada, todavia, as ideias compartilhadas neste trabalho contemplam uma visão de literatura dessacralizada, ou ao menos, deslocada do cânone. Deste modo, destacam-se as considerações de artistas, críticos e estudiosos, dentre os quais, os estudos das expressões de literatura contemporânea por Beatriz Resende (2008), e das polifonias marginais, de Ingrid Hapke, Lucía Tennina, Mário Medeiros e Érica Peçanha (2015), considerando ainda, as definições de sujeitas e sujeitos periféricos, de Tiraju Pablo D’Andrea (2020), entre outras contribuições. Por último, o capítulo: 3. “Uma bíblia velha, uma pistola automática e um sentimento de revolta: letras para compor sobreviventes, um estudo do livro-disco *Sobrevivendo no Inferno* (1997/2018) de Racionais Mc’s”, traz a análise que considera desde os elementos literários: líricos e ficcionais, até os aspectos performáticos e sonoros, além de focalizar no debate em torno das masculinidades, visto que, as narrativas da obra tratam das relações de poder e violência, sobretudo, entre os homens periféricos, considerando as masculinidades a partir de JJ Bola (2020), Connell (2005) e as masculinidades nos estudos literários: Simon (2016), Florencio (2019), Pellizzari (2018) e Oliveira (2017), de forma a delinear as masculinidades periféricas na obra. A partir das relações entre a música popular e a literatura que se estabelecem ao inserir “*Sobrevivendo no Inferno*” (1997/2018) no campo das Letras, este trabalho pretende afirmar a obra como sendo capaz de reinserir e

atualizar a entoação de vozes na literatura brasileira, além do mais, destaca as expressões literárias de escrita e de performance, o que, conseqüentemente, reconhece o livro-disco como um lugar de passagem entre discursos artísticos, sendo um marco na história da literatura e da música popular brasileira. Ainda que de baixo custo, com poucos recursos financeiros, a criação literária e musical revela a periferia como a flor da cultura no Brasil, tanto em termos de propagação de conteúdo lírico de consciência social, de contribuir com as escolhas do sujeito periférico, não se trata de um manual ou parábolas, mas de narrativas que partilham lições para vidas difíceis, arte literária que transpassa o local de origem. Conforme Emicida em entrevista ao podcast Mano a Mano (2022): “a cultura no Brasil, é o melhor exemplo da sofisticação que a gente pode produzir. Em todos os ambientes nos quais a gente conseguiu criar, com todos os componentes raciais envolvidos, de alguma maneira a gente venceu”. Ao recuperar traços historiográficos da canção popular e da literatura, a fim de compor a análise da obra e de seu contexto histórico-social, é possível verificar que não importa apenas trazer à tona esses modos de fazer literatura na periferia, a fim de anexá-los a uma historicidade oficial e, tampouco, subtematizar a história da literatura brasileira, mas, sim, compreender a “trajetória literária” da periferia através da obra, como uma oportunidade de enfatizar os movimentos culturais e a criação literária na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

- BOLA, J.J. **Seja homem**: a masculinidade desmascarada. Trad. Rafael Spuldar, Porto Alegre: Dublinense, 2020.
- CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1973.
- CEVASCO, Maria Elisa. **Literatura e estudos culturais**. Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Tradução. Maringá, PR: EDUEM, 2019.
- CONNELL, R. W. **Masculinities**. 2. ed. Berkeley: University of California Press, 2005.
- COSTA, Ronald Ferreira; RECAMAN, Felipe Ziliotto. Muito além da serenata: a seresta como pervivência da lírica trovadoresca. **Estação Literária**, Londrina, v. 28, jul./dez. 2021.
- DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. (Orgs.). **História dos homens no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2013.
- EMICIDA, Leandro Roque de Oliveira. In: BOLA, J.J. **Seja homem**. Trad. Rafael Spuldar, Porto Alegre: Editora Dublinense, 2019.
- EMICIDA, **Sobrevivendo no Inferno**, por Emicida. Racionais TV, em 26 de junho de 2018, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=my1Wxm4p6DY&ab_channel=RacionaisTV Acesso em 05 de jul de 2021.
- FERNANDES, Frederico Garcia. O atributo da voz: poesia oral, estudos literários, estudos culturais e abordagem cartográfica. **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 33, 2012.

FINNEGANN, Ruth. O que vem primeiro: o texto, a música ou a performance? In: **A Palavra Cantada: ensaios sobre poesia, música e voz**. C. Neiva de Matos *et al.* (Org.). 1ª ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. In: SCHPUN, Mônica Raísa (Org.). **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

MEDEIROS, Mário. **Sobrevivendo no Inferno**, por Mário Medeiros. Racionais TV, em 26 de junho de 2018, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=my1Wxm4p6DY&ab_channel=RacionaisTV. Acesso em 05 de jul de 2021.

NERY, Fernanda Barboza de Carvalho. Literatura, música e os abismos inexistentes: uma reflexão sobre o universo artístico fragmentado. **Estação Literária**, Londrina, v. 28, jul./dez. 2021.

NOLASCO, Sócrates. **A desconstrução do masculino**: uma contribuição crítica à análise de gênero. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

OLIVEIRA, Mateus Fernando de. **Desgraçados e mal-amados: as masculinidades em contos de João Antônio**. Orientador: Dr. Luiz Carlos Santos Simon (dissertação). Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2017.

PEÇANHA, Erica. HAPKE, Lucía Tennina. MEDEIROS, Mário. **Polifonias marginais**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2015.

PELLIZZARI, Thamiris Y. Silveira. **A homossexualidade masculina em contos brasileiros da década de 1980**. (dissertação). Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2018.

RACIONAIS MC'S. **Sobrevivendo no inferno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. Racionais Mc's. **Sobrevivendo no Inferno (Disco)**. São Paulo: Cosa Nostra: 1997. 1h13min.

RESENDE, Beatriz. **Contemporâneos**: expressões da literatura brasileira no século XXI. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008.

RIBEIRO, DJAMILA. **Sobrevivendo no Inferno, por Djamila Ribeiro**. Racionais TV, em 26 de junho de 2018, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=my1Wxm4p6DY&ab_channel=RacionaisTV. Acesso em 05 de jul de 2021.

SILVA JUNIOR, Jonas Alves. **Doces Modinhas pra Iaiá, Buliçosos Lundus pra Ioiô**: Poesia romântica e música popular no Brasil do Século XIX. São Paulo, Linear B; Coleção Dissertações e Teses do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2008.

SIMON, Luiz C. S. Fundamentos para pesquisas sobre masculinidades e literatura no

Brasil. **Revista Estação Literária**. ISSN 1983-1048. Londrina, Volume 16, p. 8 – 28, jun 2016.

TATIT, Luiz. **O cancionista**: composição de canções no Brasil. São Paulo: Edusp, 2012.

TINHORÃO, José Ramos. **A música popular no Romance Brasileiro**: Séculos XVIII e XIX, vol. I. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

TINHORÃO, José Ramos. **A música popular no Romance Brasileiro**. Vol. III: Século XX (2ª parte). 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

TINHORÃO, José Ramos. **A música popular no Romance Brasileiro**. Vol. II: Século XX (1ª parte). São Paulo: Editora 34, 2002.

WISNIK, José Miguel. A gaia ciência: literatura e música popular no Brasil. **Revistas de Cultura**. 1ª edição, Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2011.

WISNIK, José Miguel. **Letra de música é poesia?** Super libras, SESC TV, 29 min., 2019.

Acesso em 02 de dezembro de 2020, disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=W0LJWGe37i4&ab_channel=SescTV

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**: a literatura medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suelly Fenerich. São Paulo: Ubu, 2018.

PROCESSOS DE TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA NA POESIA DE AUGUSTO DE CAMPOS: UMA ANÁLISE DE SUAS INTRADUÇÕES NO SÉCULO XXI

Matheus Willian Migotto (Mestrando)
Miguel Heitor Braga Vieira (Orientador)

O desenvolvimento deste trabalho objetiva investigar — sem o intuito de exaurir — os diferentes processos de tradução intersemiótica utilizados por Augusto de Campos para a criação dos poemas por ele chamados de “intraduções”. Esses trabalhos são recriações, traduções criativas, ou como denominou Haroldo de Campos, “transcriações”, praticadas por Augusto de Campos, desde 1974 até os dias correntes, utilizando as mais diversas fontes de linguagem. Diferentemente do que Jakobson (1991) definiria apenas como uma tradução interlingual, tais “intraduções” configuram reelaborações a partir de diferentes sistemas sógnicos, não necessariamente envolvendo obras em outros idiomas, mas podendo contar como textos-fonte, inclusive, obras artísticas não-verbais. A título de exemplo, temos do poema “Nude Soul” inspirado em uma *performance* da cantora Erikah Badu, ou do poema “O Polvo”, que é construído utilizando trechos de um sermão do Padre Antônio sem envolvimento de tradução interlingual. Assim, esta pesquisa pretende responder à seguinte questão: nos textos analisados, quais os elementos semióticos e as relações estabelecidas entre eles que permitem transladar signos e interpretantes de uma obra para outra de forma que ainda haja correspondência, em maior ou menor grau, entre ambas? Ou seja, quais signos e interpretantes surgem ou são deixados nesse processo e quais novas relações são criadas entre texto-fonte e texto-alvo? Deste modo, partimos das seguintes hipóteses: a) A criação desses poemas não se limita à tradução intersemiótica, mas ocorre necessariamente por meio dela; b) Essas traduções se dão por diferentes processos e tipologias; c) Os poemas criados (textos-alvo) não apenas transportam signos entre diferentes sistemas, mas criam novos signos e estabelecem novos diálogos com os textos-fonte. E por que Augusto de Campos? O desenvolvimento desta pesquisa se justifica, primeiramente pela sua relevância literária. Campos é o único dos três poetas fundadores do concretismo brasileiro ainda vivo. Em 2021 o escritor completou 90 anos de vida e 70 de carreira. Internacionalmente conhecido e estudado, já recebeu dois prêmios Jabuti, o prêmio Pablo Neruda, o Grande Prêmio de Poesia Janus Pannonius, a Grã-Cruz da Ordem do Mérito Cultural e, mais recentemente, o título de Doutor Honoris Causa, outorgado pelo Universidade Federal Fluminense. Muito além de cofundador do movimento concretista e do grupo Noigandres em 1952, juntamente com seu irmão Haroldo e Décio Pignatari, Augusto de Campos é poeta, ensaísta, crítico literário e profícuo tradutor. Seu trabalho influenciou e influencia não apenas artistas das gerações seguintes, como estudiosos e acadêmicos, vide a quantidade de artigos científicos, capítulos de livros, dissertações de mestrado e teses de doutorado que tratam de sua obra. Estudar Augusto de Campos se faz necessário porque é — por sua longa trajetória profissional, extensa produção e contribuição ímpar à literatura — revisitar e compreender a poesia brasileira moderna e contemporânea. Em segundo lugar, a produção acadêmica sobre Augusto de Campos, apesar de prolífica, ainda possui vasta seara a ser explorada sob os olhares da semiótica e da tradução intersemiótica, principalmente seus trabalhos mais recentes, como os contidos em seu livro *Outro*, de 2015, e no novíssimo Livro-CD *Entredados*, de 2022, trabalho conjunto com seu filho, o músico Cid Campos. Esse tema ainda é pouco abordado com enfoque na literatura, mas tem recebido contribuições de alguns pesquisadores na última década, como

Queiroz e Aguiar (2010), da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), que entendem que a prática da tradução intersemiótica contribui para a desautomatização da prática de leitura, para a manipulação e a interpretação de fenômenos semióticos. Em suas próprias palavras, “ela envolve uma visão crítico-pragmática de distintos sistemas de linguagem ao propor o uso comparado de signos muito diferentes.” (QUEIROZ; AGUIAR, 2010, p. 11) Portanto, novos olhares sobre uma poesia rica e significativa para a literatura brasileira contemporânea e com tantas interfaces com outras manifestações artísticas, permitirá também a observação e discussão críticas não só de relações entre mídias, mas também entre texto e sociedade. Ainda, destacamos nas palavras de Clüver (2006, p. 130), um último argumento para este trabalho: “estudar um poema por meio de uma tradução que também é um poema nos conduzirá a *insights* que não ocorrem de nenhuma outra maneira, e que são obtidos através de um engajamento criativo, que é diferente do envolvimento como análise crítica.” Para tanto, utilizamos os conceitos de semiótica estabelecidos por Charles Sanders Peirce (2010) e retomados por Santaella (1995; 2005); de tradução intersemiótica, definido pelo linguista Roman Jakobson (1991, p. 65) e, posteriormente, explorado e aplicado por Julio Plaza (2010) na tradução de poemas concretos; de transposição intersemiótica explorado por Clüver (2006); de intertextualidades como apropriação, montagem e colagem, abordados por Sant’Anna (2003); e de remediação e hipermediação tratados por Bolter e Grusin (2000); para citar alguns dos principais autores que embasam esta pesquisa. Para a consecução dos objetivos propostos, este trabalho se divide em três capítulos. No primeiro, abordaremos a trajetória de Augusto de Campos, realizando também um resgate histórico do Concretismo com enfoque em sua produção mais recente e apresentaremos uma fortuna crítica selecionada sobre o autor. No Capítulo II, abordaremos as principais características e diferenças entre tradução interlingual, tradução criativa e tradução intersemiótica, discutiremos as teorias desta última modalidade de tradução que fundamentam a pesquisa, sua relação com os diferentes tipos de tradução e os principais processos de tradução entre sistemas sígnicos (icônico, indicial e simbólico). Também relacionaremos esses processos com a tradução para mídias digitais, uma vez que alguns dos trabalhos mais recentes do autor foram publicados exclusivamente em suas redes sociais. No terceiro capítulo, analisaremos os textos que compreendem a produção poética do autor das duas últimas décadas. Mais especificamente, o *corpus* desta pesquisa abrange nove poemas publicados entre o ano 2000 e a presente data, englobando o último livro de poemas inéditos de Augusto de Campos, *Outro* (2015), e seus trabalhos mais recentes, publicados apenas em meio digital. A seleção foi realizada, além do evidente recorte cronológico, sob os seguintes critérios: a) diversidade de sistemas sígnicos dos textos-fonte, privilegiando os textos criados a partir de diferentes sistemas, ou seja, não somente inspirados em outros poemas, mas também em outros gêneros textuais e até em outras formas de expressão não verbais; b) variedade de processos de tradução utilizados, explorando trabalhos que utilizem, na medida do possível, os três métodos de tradução intersemiótica propostos por Julio Plaza (2010). Em tempo, as análises propostas contemplarão não apenas as dimensões sonora, visual e verbal contidas nos poemas – e exploradas pelos concretistas desde a década de 50 –, mas também aspectos da animaverbivocovisualidade (AV3), apresentados por Miranda e Simeão (2014), como a hipermediação, a interatividade e a ubiquidade, os quais foram sendo incorporados aos textos com surgimento das novas mídias. Por fim, sugeriremos alguns caminhos de continuidade para esta pesquisa tanto no sentido de ampliação do *corpus* quanto no aprofundamento do uso das teorias semióticas e de outras teorias, para a investigação e análise da poesia visual e concreta que, ao longo de toda sua trajetória, não se deixa conter por nenhum formato, mas se

apropria das mídias e tecnologias emergentes, sempre atualizando suas formas de expressão e criando novos signos e inter-relações.

REFERÊNCIAS

- AGUILAR, Gonzalo. **Poesia concreta brasileira**: as vanguardas na encruzilhada modernista. São Paulo: Edusp, 2005.
- BOLTER, J. David; GRUSIN, Richard. **Remediation**: Understanding New Media. Cambridge: MIT, 2000.
- CAMPOS, Augusto de. **Não poemas**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- CAMPOS, Augusto de. **Outro**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Cid. **Entredados**. São Paulo: Laranja Original, 2022.
- CAMPOS, Augusto de. **Teoria da poesia concreta**: textos críticos e manifestos 1950-1960. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CLÜVER, Claus. Da transposição intersemiótica. In: ARBEX, Márcia. **Poéticas do visível**: ensaios sobre a escrita e a imagem. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, Faculdade de Letras da UFMG, 2006. 107-166.
- GUIMARÃES, Julio Castañon; SÜSSEKIND, Flora. **Sobre Augusto de Campos**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. 14ª ed. São Paulo: Cultrix, 1991.
- MIRANDA, A. L. C. de; SIMEÃO, E. L. M. S. Da comunicação extensiva ao hibridismo e animaverbivocovisualidade (AV3). **Informação & sociedade**: Estudos, v.24, n.3, p. 49-62, set./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/19075>. Acesso em: 19 mai. 2021.
- PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- PIGNATARI, Décio. **Semiótica e literatura**. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1987.
- PLAZA, Julio. **Tradução intersemiótica**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- QUEIROZ, João. AGUIAR, Daniela. Tradução intersemiótica: ação do signo e estruturalismo hierárquico. **Revista Lumina**, V. 4, n. 1, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras (UFRJ), jul. 2010.
- SANTAELLA, Lúcia. **Teoria geral dos signos**: semiose e autogeração. São Paulo: Ática, 1995.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia, paráfrase e cia**. 7ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

ECOS DA TRAGÉDIA SHAKESPEARIANA EM *MACÁRIO* E *NOITE NA TAVERNA*, DE ÁLVARES DE AZEVEDO

Miréia A. A. do Vale (Doutorado)
Alamir Aquino Corrêa (Orientador)

O estudo comparado e as muitas nuances que uma pesquisa podem assumir, na busca de possíveis aproximações entre autores e obras que podem ser apresentar por meio de temas, personagens, ambientações, dentre tantas outras possibilidades oferecidas por um texto, encontra, aqui, seu caminho recorrendo às sutilezas, às figurações existentes entre bem e Mal, vilão e donzela, luz e escuridão, pois: “[...] a literatura comparada busca as ideias ou temas literários e acompanha os acontecimentos, as alterações, as agregações, os desenvolvimentos e as influências recíprocas entre as diferentes literaturas.” (COUTINHO; CARVALHAL, 1994, p. 61). Durante o breve período que produziu sua obra, Álvares de Azevedo, antes de escritor, foi um leitor assíduo de clássicos estrangeiros, como as peças de Shakespeare, fato por repetidas vezes mencionado por estudiosos e biógrafos. Em uma espécie de estado de embriaguez, causado pelas palavras que absorvia, em doses cavalares, dia após dia, o romântico escrevia freneticamente, a fim de expressar as inquietações que eram sentidas em seu íntimo e que deixou registrado em sua escrita epistolar, poemas, contos e em seu drama *Macário* (1852). As inquietações despertadas pela produção azevediana e os interesses do poeta durante sua breve vida corroboraram a idealização de uma pesquisa que tivesse como ponto de partida o modo como a obra de William Shakespeare, viria a ecoar na escrita do jovem Azevedo, três séculos depois. Em uma de suas correspondências ao amigo Luís Nunes, o escritor brasileiro comenta a tradução que havia feito do quarto ato de *Otelo*, de Shakespeare, e como pretendia escrever histórias a partir do que foi proposto no original, tomando-o como fonte de inspiração, além de expressar toda sua admiração pelo bardo inglês, quando decide trazer no prefácio de *Macário* que, se fosse escrever um drama, buscaria trilhar pelos mesmos caminhos por onde o dramaturgo passou na escrita de suas peças. Na busca por criar algo único, encontram-se em seu drama, já mencionado, assim como em *Noite na taverna* (1855), temas e tipos de personagens que vão aprofundar a reflexão sobre o ser humano e as aflições que carrega em sua alma. Muito embora escolha tratar de questões densas como infanticídio, canibalismo, fraticídio, dentre outros assuntos, Azevedo desenvolve em suas personagens aspectos ora característicos da vilania e do Mal, ora com excesso de bondade, submissão e propensão ao sofrimento, perspectivas bastante presentes em quatro das grandes tragédias shakespearianas: *Rei Lear* (1606), *Otelo* (1622), *Macbeth* (1623) e *Hamlet* (1786). Com ambientações distantes de seu país de origem e cenários que propiciam atos transgressores, escurecidos pela noite e pela falta de luminosidade, há nos sete contos que compõem as narrativas feitas em uma taverna, repleta de mulheres ébrias, dormindo pelo chão e uma atmosfera encoberta pela fumaça dos charutos, uma espécie de espaço para que o lado obscuro da existência humana possa vir à tona e ser retratado, com relatos que muitos buscariam esconder, mas que ali assumem ares de conversa para espantar o tédio. Tendo como ponto de partida indícios trazidos pelo próprio Álvares de Azevedo, a pesquisa trata da investigação por aproximações existentes em *Macário* e *Noite na Taverna* com as principais tragédias shakespearianas, não como uma espécie de imitação, mas tendo a obra do dramaturgo como fonte de inspiração para escritores de outros espaços, outras línguas, mas com essa capacidade de adentrar o universo literário por meio de questões que vão muito além do tempo em que viveram, uma vez que fazem parte do homem, de sua natureza genuinamente humana, desde os

primórdios. Dividida em quatro partes centrais, além de introdução e conclusão, a tese começa pela biografia do escritor brasileiro, bem como as influências recebidas e sua predisposição para a escrita desde os oito anos de idade, quando passa a estudar em outra cidade, adquirindo o hábito de se comunicar com seus familiares por cartas. costume esse que será mantido até o fim de sua vida. A partir dessas cartas íntimas para os seus, é possível acompanhar a evolução não somente na escrita de Azevedo, mas como o passar dos anos colaborou para que determinados questionamentos fossem transpostos em palavras durante os anos em que criou sua obra. A partir do panorama para compreender o contexto no qual produziu, o olhar do texto é direcionado para a teorização acerca dos aspectos do bem e do Mal, assim como a figuração do Diabo e o papel exercido por esse arquétipo no que tange a representação, tida como majoritária, do Mal. Aqui, a presença da noite e dos vícios e a herança do período gótico têm extrema relevância para que a transgressão e os atos sombrios sejam executados pelas personagens. E se de um lado há a vilania e a maldade, em contrapartida encontram-se a donzela e sua fragilidade, como uma forma de exteriorização do Bem, sendo a mulher frágil a principal vítima das ações do homem demoníaco. Quanto a mulher com inclinações para a perversidade, essa é, por vezes, dita como louca, aquela que perdeu o senso de certo e errado e sucumbiu ao devaneio, dada sua imensa vulnerabilidade diante do homem que ora se apresenta como seu salvador, ora como seu algoz. O embate entre Bem e Mal, donzela e vilão, luz e sombra que tem início na terceira parte do trabalho, encontra seu desfecho no capítulo que recebe o título da pesquisa e é o momento em que Shakespeare vai ecoar na obra de Álvares de Azevedo, por meio da aproximação do vilão com a essência pura do Mal, colocando-o em luta contra o herói, como também acontece com a donzela frente ao homem sombrio, na representação arquetípica da temática do escritor da Segunda Geração Romântica do Brasil, que carrega a influência como inspiração, haja vista as palavras de Bloom, em que: “A experiência de ler Shakespeare resulta em uma maior ampliação de nossa consciência em direção ao que inicialmente deve parecer um estranhamento de pesar ou assombro.” (2013, p.55). Essa ampliação da consciência somada a sua pouca idade resultou não apenas em uma produção demasiada em apenas cinco anos de dedicação a seus textos de cunho literário, mas também em trazer nas sutilezas da escrita formas de transpor a inspiração recebida.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, A. **Noite**: a vida noturna, a linguagem da noite, o sono e os sonhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

AZEVEDO, Álvares de. **Noite na taverna e Macário**. Rio de Janeiro: Três, 1973.

AZEVEDO, Vicente de. **Cartas de Álvares de Azevedo**. São Paulo: Academia Paulista de Letras, vol.1, 1976.

AZEVEDO, Vicente de. **Álvares de Azevedo desvendado**. São Paulo: Martins MEC, 1977.

BATAILLE, Georges. **A literatura e o mal**. Porto Alegre: L&PM, 1989.

BLOOM, Harold. **A anatomia da influência**: literatura como modo de vida. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

BRADLEY, A.C. **A tragédia shakespeariana**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

- CANDIDO, Antonio. Álvares de Azevedo, ou Ariel e Caliban. In: **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. São Paulo: Martins, 1964, p.176-190.
- COSTA, Maria Moraes da. Álvares de Azevedo em contraponto. **Fragmenta**, Curitiba: Universidade Federal do Paraná, n.7, p.35-44, 1990.
- COUTINHO, Eduardo F.; CARVALHAL, Tania Franco (Org.). **Literatura comparada: Textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- DIAZ, Brigitte. **O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX**. São Paulo; Editora da Universidade de São Paulo, 2016.
- FRANÇA, J.; SILVA, D. A. De perseguidas a fatais: personagens femininas, sexo e horror na literatura do medo brasileira. **Opiniões** Revista dos alunos de literatura brasileira, n. 4, v. 6-7, p. 51-56.
- FRANÇA, J.; SILVA, D. A. Pesadelos dionisíacos: natureza, sexo e medo na literatura brasileira. **Revista Círculo de Giz**, n. 1, 2015.
- GOMES, Eugênio. **Álvares de Azevedo e o ópio da leitura**. In: Visões e revisões. Rio de Janeiro: Instituto Nacional, 1958, p. 62-68.
- HAROUCHE-BOUZINAC, Geneviève. **Escritas epistolares**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.
- HELIODORA, Barbara. **Falando de Shakespeare**. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- LABRES, Claudia. **A Poética do Mal: A Ficção de Álvares de Azevedo, Uma Literatura Sob o Signo de Satã**. 2002. 188 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
- MENON, M. C. **Figuração do gótico e de seus desmembramentos na literatura brasileira de 1843 a 1932**. Londrina, 2007, 257 p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina.
- MONTEIRO, Roger. Da didática infernal – breves palavras a respeito do caráter do Diabo na obra de Álvares de Azevedo. **Cadernos do IL**. Porto Alegre: UFRGS – Instituto das Letras, n 18, p.145-152, dez. 1997.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Além do Bem e do Mal: Prelúdio de uma Filosofia do Futuro**. 3. ed. São Paulo: Escala, 2011.
- OLIVEIRA, Jefferson Donizete de. **Um sussurro nas trevas: Uma revisão da recepção crítica e literária de Noite na taverna de Álvares de Azevedo**. 2010. 187 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- PRAZ, Mario. As metamorfoses de satanás. In: PRAZ, Mario. **A carne, a morte e o diabo na literatura romântica**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 69-99.

ROCHA, Hildon. **Álvares de Azevedo: anjo e demônio do Romantismo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

RODRIGUES, V. N. **O epistológrafo personagem: O olhar dos editores sobre as cartas de Álvares de Azevedo**. Guarulhos, 2018, 95 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade Federal de São Paulo.

ROSSET, Clément. **O princípio da crueldade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SHAKESPEARE, William. **Tragédias**. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

IDENTIDADE E FIGURAÇÕES DA PAISAGEM EM POESIA FEMININA LUSÓFONA

Natália Cristina Martins de Sá (Doutoranda)
Miguel Heitor Braga Vieira (Orientador)

O trabalho *Identidade e figurações da paisagem em poesia feminina lusófona* pretende analisar como diferentes representações da paisagem constroem a identidade das mulheres em poemas de autoria feminina. Os poemas analisados são de *Meu Livro de Cordéis* (1976), de Cora Coralina, *Coral* (1950), de Sophia de Mello Breyner Andresen e *É nosso o solo sagrado da terra: poesia de protesto e luta* (1978), de Alda do Espírito Santo. O estudo da paisagem terá como base as considerações de Anne Cauquelin, Augustin Berque, Michel Collot, Merleau-Ponty e outros estudiosos da paisagem. De acordo com Augustin Berque, a paisagem “existe, em primeiro lugar, em sua *relação* com um sujeito coletivo: a sociedade que a produziu, que a reproduz e a transforma em função de certa lógica” (BERQUE, 2012, p. 239, grifos do autor). Dessa maneira, a análise da paisagem nos poemas se dá na busca pela compreensão dessa lógica e na leitura da sociedade pela perspectiva cultural. Contribuindo para a compreensão do sujeito consigo mesmo e com a sociedade em que está inserido, a paisagem, segundo Michel Collot, “apresenta-se, assim, como unidade perceptiva e estética, mas também como unidade aberta de *sentido*” (COLLOT, 2013, p. 214, grifos do autor). Sendo a paisagem uma unidade de sentido, ela pode significar questões da vida e da relação do sujeito com o mundo. As questões literárias são, nessa perspectiva, elementos para elaboração desta relação, propícias à reflexão e ao desenvolvimento de, mais do que uma leitura de textos, uma leitura de mundo. A paisagem então, vista em sua relação com o sujeito e com a sociedade em um todo, é na Literatura mais um aspecto ligado a todos os outros aspectos que geram sentido, possibilidades, imagens – em suma, que promovem a Literatura de fato. Não permite encaixar-se apenas como pano de fundo, mas se faz um aspecto relevante; não figura como cenário, mas “protagoniza” a construção literária junto de outras características. A paisagem assume um contorno importante nas representações literárias: passa a ter papel relevante para, além de lugar, representar acontecimentos; passa a dar sentido a ironias e metáforas; passa a construir o texto ativamente, e assim representa também sentimentos e sensações, cedendo, no espaço da paisagem, o espaço à subjetividade particular à Literatura. Os poemas de autoria feminina, ao popularizarem-se, precisaram ocupar lugares sabidamente masculinos. Precisaram abrir espaços e reclamá-los, deixando claro que, além de tratarem de questões humanas no geral, assim como os poemas de autoria masculina, tratavam também de questões tipicamente femininas, que os homens não chegam a conhecer – e, principalmente, jamais chegam a vivenciar. Por vezes, a poesia escrita por mulheres mostra os duros caminhos que tiveram que ser abertos para que a mulher enfim conquistasse algum espaço nesse ofício tipicamente masculino (em um mundo tipicamente masculino) e para fixar suas palavras e sua vivência em meio à hostilidade. De acordo com Bourdieu, enquanto os homens trabalham em espaço públicos, “as mulheres ficam destinadas (predominantemente) ao espaço privado (doméstico, lugar da reprodução) em que se perpetua a lógica da economia de bens simbólicos” (BOURDIEU, 2012, p. 114). A relação das mulheres com estes espaços ocupados denota relações de poder, de luta e da construção de identidade individual e coletiva, e também são trazidas na poesia ao revelar os espaços habitados pela mulher. Além disso, a literatura que dá voz a mulheres para falar sobre si e sobre outras mulheres pela perspectiva feminina também é, por si só, a ocupação de um espaço que até então

negava a presença feminina. Esse território ocupado por mulheres passou a receber representações de diferentes visões de mundo. É essa diversidade de visões de mundo que este trabalho pretende analisar. A seleção do *corpus* é justificada pela relevância de cada uma das poetisas, que compõem uma tríade de diferentes nacionalidades: Cora Coralina apresenta facetas do Brasil que viveu, Sophia de Mello Breyner Andresen traz paisagens de Portugal e Alda do Espírito Santo desnuda São Tomé e Príncipe em seus poemas. Três mulheres que representam a si e a outras mulheres que se assemelham e diferenciam-se ao ocupar – e ao não ocupar – espaços, ao relacionar-se intimamente à paisagem e ao afirmar sua identidade nessa relação. A tese será dividida em três capítulos cujos títulos ainda não estão definidos: o primeiro apresentará uma fundamentação teórica a respeito das figurações da paisagem; o segundo vai tratar da relação da literatura de autoria feminina com a representação da identidade; e o terceiro analisará comparativamente os poemas. O capítulo de análise terá subdivisões em temáticas que as três poetisas trabalham de diferentes maneiras – a relação com a água, com as matas, com a própria terra, com o céu e com a cidade. Dessa forma, cada uma das subdivisões trará análises da representação da mulher nas três obras e do modo como a identidade é revelada a partir das figurações da paisagem. Ao analisar essas criações poéticas, o trabalho pretende considerar os impulsos, as crenças, os sentimentos e as normas das mulheres que são representadas na poesia, verificando os pontos de convergência e divergência entre culturas e representações da paisagem, a maneira como a paisagem se revela e revela as pessoas. E assim, ao retratar paisagens, retrata, sobretudo, mulheres. A partir da subjetividade demonstrada pelas figurações (combinadas a outros elementos), é construída uma poesia que trata de mulher, de lugar de fala, de poder e da própria poesia, porque estudá-la é mais do que estudar um aspecto literário entre diversos: é estudar sua imbricação com os diversos aspectos literários, e como todos eles, singular e coletivamente, constroem e significam o texto literário, permitem uma amplitude de leituras e constroem o espaço feminino em um mundo que lhe é hostil. Portanto, levando em conta as novas perspectivas e horizontes assumidos pelos estudos interdisciplinares, o trabalho visa a análise da paisagem na obra dessas poetisas como espaço de manifestação de subjetividade, de modo a gerar interpretações e sentidos. Assim, pretende-se agregar novas visões e horizontes à análise das obras, além de comprovar a hipótese de que a paisagem realiza nestes poemas um movimento que dá voz às mulheres e permite a demonstração de suas identidades.

REFERÊNCIAS

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **Coral e outros poemas**. Ed. de Eucanaã Ferraz. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. de Maria Helena Kühner. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre azul/São Paulo: Duas Cidades, 2004, p. 169-191.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins, 2007.

COLLOT, Michel. Do horizonte da paisagem ao horizonte dos poetas. In: ALVES, Ida et al. **Literatura e paisagem**. Rio de Janeiro: EUFF, 2013.

CORALINA, Cora. **Meu livro de cordel**. 1 ed. Digital. São Paulo: Global, 2012.

ESPÍRITO SANTO, Alda do. **É nosso o solo sagrado da terra**: poesia de protesto e luta. Lisboa: Tipografia Garcia & Carvalho, 1978.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad. de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins, 1999.

A DICÇÃO POÉTICA EM CRÔNICAS DE AUTORIA FEMININA: DO TRATAMENTO DOS TEMAS AO PAPEL SOCIAL DA MULHER

Osnir Branco (Doutorando)

Miguel Heitor Braga Vieira (Orientador)

A presença da mulher na Literatura, assim como em muitos outros campos da vida social, foi por muitos anos apagada devido a um modelo de organização social patriarcal, que as vê como inferiores ao sexo masculino. No entanto, pode-se afirmar que elas sempre estiveram presentes e trouxeram grandes contribuições, embora de forma muito discreta ou por trás de nomes masculinos. Porém, com o surgimento da crítica literária feminista nos anos 1970, derrui-se o mundo de preceitos e paradigmas que perpetuavam o domínio masculino sobre a escrita, a começar pelo questionamento do cânone, cujo caráter ideológico e os preconceitos subjacentes foram evidenciados pelo pensamento feminista. As reflexões empreendidas apontaram as relações entre a constituição predominantemente branca/ masculina/ ocidental e a consequente exclusão das mulheres e minorias do cânone literário brasileiro. Dessa maneira, Ria Lemaire (1994) afirma que a história literária tem sido, com poucas exceções, fundamentalmente etnocêntrica e viricêntrica. Diante dessa realidade, a pesquisadora feminista apresenta uma possibilidade de desconstrução de leituras consagradas, apontando a necessidade de um processo revisionista da historiografia literária. Leila Perrone-Moisés (1998) também questiona a ideia de um cânone universal, fechado e eterno: “qualquer lista valorativa é contestável e condenável, se for reavaliada a partir de critérios estranhos a sua elaboração” (p. 176). Uma condição que inquieta mulheres e se faz presente em seus textos, a exemplo a crônica *Condição de mulher* (1945), de Rachel de Queiroz, que questiona tanto a consagração de uma escritora quanto a de mulher, em qualquer área que seja, na sociedade. No campo da Literatura, observa-se que assim como a mulher em sociedade, a crônica no hall dos gêneros literários foi/é considerado por muitos estudiosos como “menor”, nas palavras de Cândido (1992, p.13) “a crônica não é um “gênero maior”. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas.” Situação esta imposta por um cânone que a desvaloriza por tratar de temas aparentemente sem necessidade e com um linguajar mais próximo ao natural das pessoas. Desta forma, este trabalho surge da inquietação do autor para com a relação entre o gênero literário crônica e o gênero/sexo feminino e a condição de subalternidade imposta a ambas, em alguns momentos da história e, presente nos dias atuais. Inquietação que resultou na elaboração de um projeto de pesquisa que buscasse dar visibilidade a crônicas de autoria feminina, bem como contribuir com fortuna crítica, principalmente no que diz respeito ao recurso linguístico delas. o início o projeto limitava-se à análise de obras da escritora Mariana Ianelli por questões de gosto pessoal do pesquisador, de afinidade com a abordagem dos temas e pelo reconhecimento e notoriedade que esta vem atingindo com suas produções. Entretanto, a proposta foi expandida no que diz respeito a abrangência de autoras e decidiu-se eleger outras, como: Maria Ribeiro, que tem três livros de crônicas publicados, sendo o primeiro *Trinta e oito e meio* (2014) , o segundo *Crônicas para ler em qualquer lugar* (2019), juntamente com Gregório Duvivier e Xico Sá, e *Tudo o que eu sempre quis dizer* (2018); Vanessa Bárbara, que é autora do livro de *Operação impensável* (2015), venceu o Prêmio Paraná de Literatura em 2014 com a coletânea *O louco de palestra* (2014), fez parte da edição especial da revista *Granta*, que elegeu os vinte melhores jovens escritores brasileiros; Claudia Tajés, que lançou a coletânea *As partes íntimas* (2015), com as melhores crônicas já lançadas em jornal,

uma produção versátil que aborda temáticas diversas e carrega tons diversos, tanto que em meio a coletânea há um poema; Tati Bernardi publicou *Depois a louca sou eu* (2016), *Homem-objeto e outras coisas sobre ser mulher* (2018); Nina Lemos, escritora feminista que retrata em suas crônicas um pouquinho do cotidiano e da vida sendo mulher; Martha Medeiros lançou em 1995 seu primeiro livro de crônicas, *Geração Bivolt*, em que reuniu artigos publicados em *Zero Hora* e textos inéditos, em 1996 lançou o guia *Santiago do Chile, Crônicas e Dicas de Viagem*, fruto dos oito meses em que viveu na capital chilena. Seu segundo livro de crônicas, *Topless* (1997), ganhou o Prêmio Açorianos de Literatura; e Mariana Ianelli lançou *Breves anotações sobre um tigre* (2013), *Entre imagens para guardar* (2017) e *Dia de amar a casa* (2020). Feito isso, o trabalho de título provisório *A dicção poética em crônicas de autoria feminina*, busca analisar e discutir a respeito das produções a fim de cumprir com os objetivos já mencionados. Para isso, propõe-se num primeiro momento uma revisão bibliográfica em torno das questões levantadas a fim de disseminar crônicas de autoria feminina de momento diversos da história e refletir sobre a relação mulher – crônica – sociedade. Num segundo momento, abordar-se-á o gênero crônica: panorama histórico, temáticas, meios de circulação, recursos linguísticos do gênero. Na questão de recursos linguísticos dar-se-á atenção especial à melancolia, que já é típico do gênero, e a dicção poética, a qual entende-se como causadora deste efeito. Entende-se como dicção poética o efeito de poesia presente no texto de narrativa, no caso crônicas. Retomando a discussão entre a relação de subalternidade mencionada pode-se adiantar que a mulher, principalmente por conta das organizações sociais de defesa de seus direitos (feministas), no decorrer da história desconstruíram muitos dos paradigmas sociais e romperam com muitas das imposições e ocupam atualmente lugares que no passado não se podia nem cogitar. Da mesma forma, a crônica ganhou espaço, valorização e a expansão do público leitor, pois antes estava condicionada ao espaço físico do jornal, público de classe social privilegiada e de valorização efêmera (como a do jornal). Já adentrando a discussão acerca do apagamento/pormenorização do protagonismo da mulher no âmbito literário, observa-se que no livro *As cem melhores crônicas brasileiras*, organizado por Joaquim Ferreira dos Santos publicado em 2007, contém apenas algumas crônicas escritas por mulheres, sendo elas: Clarice Lispector, Rachel de Queiroz, Elsie Lessa, Ligia Fagundes Telles e, mais recentemente, Danuza Leão e Martha Medeiros. Em outras coletâneas, a exclusão feminina se mantém. No livro *Boa companhia* (2005), Humberto Werneck selecionou 42 crônicas, apenas quatro escritas por mulheres: Clarice Lispector, Elsie Lessa, Cecília Meireles e Danuza Leão. Assim, muitas cronistas tiveram participação bastante ativa em seus estados, publicando livros e escrevendo para jornais, no entanto, como observa Nícea Helena Nogueira (2006) a maioria dos estudos sobre a crônica dedica-se a autores masculinos. Ela cita como exemplo dessa omissão, Nísia Floresta (1810-1885), considerada a primeira voz feminina no Brasil, tendo escrito textos para a imprensa nacional e internacional na primeira metade do século XIX. São inúmeras as pesquisas que visam propor a revisão tanto do modelo de sociedade (patriarcal) quanto do cânone literário, principalmente por conta dos movimentos sociais que lutam pelas causas, a exemplo o Feminismo. Estes são movimentos que atuam dentro e fora das instituições e buscam pela equidade e repara dos danos causados. Diante do exposto, esta pesquisa pretende contribuir com fortuna crítica para área de Letras e afins, propor uma revisão no cânone literário quando diz respeito a crônica de autoria feminina, dar visibilidade às produções de mulheres e reconhecimento a importância destas para a área bem como para a sociedade.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. **Crônicas escolhidas**. São Paulo: Ática, 1994.
- BRANCO, Lucia Castello e BRANDÃO, Ruth Silviano. **A mulher escrita**. Rio de Janeiro: Casa-Maria Editorial: LTC Livros Técnicos e Científicos, 1989.
- BRAYNER, Sônia. Machado de Assis: um cronista de quatro décadas. In: CANDIDO, Antonio. **A crônica, o gênero e suas fixações no Brasil**. São Paulo: UNICAMP, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p 407-418
- BUTLER, Judith. **Debates feministas: Um intercâmbio filosófico**. Tradução de Fernanda Veríssimo. São Paulo: Editora Unesp, 2018
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. **Corpos que importam: Os limites discursivos do "sexo"**. Tradução de Verônica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: N-1 Edições e Crocodilo, 2019.
- CANCLINI, N. Garcia. **Desiguais e desconectados**. Trad. Luiz Sérgio Henriques. 3ª. ed. Rio de Janeiro: ED. UFRJ, 2009.
- CANDIDO, Antonio, "A vida ao rés-do-chão". In: CANDIDO, Antonio et al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Ed. Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.
- CANDIDO, Antonio. A nova narrativa. In: CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987. pp.199-215.
- CARDOSO, Marília Rothier. "Moda da crônica: frívola e cruel". In: CARDOSO, Marília Rothier et al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Ed. Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p.137-151.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil: relações e perspectivas**. 6. ed. Rio de Janeiro: Global, 2003.
- GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GONÇALVES, Luiz; SILVA, A. Petronilha. O multiculturalismo e seus significados. In: **O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- HALL, S. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomás Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 6ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- IANELLI, Mariana. **Entre imagens para guardar**. Ardotempo. São Paulo, 2017.

LEMAIRE, Ria. Repensando a história literária. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p.111-125.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MEYER, Marlyse. “Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se faz a chronica”. In: MEYER, Marlyse et al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Ed. Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p.93-133.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. v. 2. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1982.

NEVES, Margarida de Souza. “Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas”. In: NEVES, Margarida de Souza et al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Ed. Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p.75-92.

PERRONE –MOISÉS, Leila. **Altas Literaturas**. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

PORTELLA, Eduardo. Visão prospectiva da literatura brasileira. In: PORTELLA, Eduardo. **Vocabulário técnico da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Ouro, 1979. p. 23-44.

QUEIROZ, Vera. Feminino e Crítica. In: FUNCK, Suzana Bórneo (Org). **Trocando ideias sobre a Mulher e a Literatura**. Florianópolis: UFSC, 1994.

RAJAGOPALAN, K; FERREIRA, D.M.M. (orgs). **Políticas em linguagem: perspectivas identitárias**. São Paulo: Ed.Mackenzie, 2006.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.

SÁ, Xico. “**Uma conversa com Xico Sá sobre crônica e literatura**”. [24 de junho, 2015]. Fortaleza: O Povo. Entrevista concedida a Eduardo Sousa e Luciana Castro.

SCHØLLHAMMER, Karl Erick. **Ficção brasileira contemporânea**. 2º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SILVA, T.T. (org.). **Identidade e diferença: a perspectivas Estudos Culturais**. 12ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

TONELLI, Regina de Oliveira. **A desfronteirização do gênero crônica na comunicação contemporânea**. Dissertação. Mestrado em Comunicação – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

ZOLIN, Lucia Osana. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lucia Osana (Orgs) **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 2 ed. Maringá: Eduem, 2005. p 275- 283.

ZUKIN, Sharon. “Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder”. In: ARANTES, Antônio Augusto (org). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000.

ZUKIN, Sharon. **The Cultures of Cities**. Malden and Oxford: Blackwell Publishing, 1995.

SOBRE FUTUROS (IN)IMAGINÁVEIS E (IN)PREVISÍVEIS: A AUTORIA FEMININA DE FICÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA DOS ANOS 2010

Priscila Aparecida Borges Ferreira Pires (Doutoranda)
Suely Leite (Orientadora)

Estudar a escrita de mulheres é sempre um desafio. Estudar a escrita de ficção científica por mulheres é um desafio ainda maior. Assim, este trabalho propõe o levantamento, a seleção e a análise de contos de ficção científica escritos por mulheres na década de 2010, tal escolha se justifica uma vez que nesses anos, no Brasil, houve conquistas, mas também retrocessos no que concerne aos direitos das mulheres. A histórica eleição da primeira presidenta, Dilma Rousseff, como também a insatisfação com seu segundo governo que se materializou com manifestações misóginas, culminando com seu impeachment. Ademais, na década de 2010, importantes direitos já conquistados pelas mulheres brasileiras foram questionados ou revogados e a literatura é terreno frutífero para a discussão de tais problemáticas. A análise dos contos se pautará nos estudos de ficção científica disponíveis, nas teorias da narrativa, em especial do conto, e de crítica feminista. As questões de investigação serão: Quais são as temáticas abordadas nos contos escritos por essas mulheres? Como essas temáticas são desenvolvidas pelas autoras? Como as autoras propõem a (re)escrita da ficção científica para além do que a teoria propõe? Sabe-se que no Brasil, a ficção científica ainda permanece no limbo dos estudos literários. Vollbrecht (2019) afirma que a ficção científica brasileira foi silenciada pela crítica que não se propôs a analisar o ritmo e a heterogeneidade das produções no país. Ademais, as críticas produzidas sobre a ficção científica brasileira são majoritariamente feitas nos Estados Unidos da América, onde o gênero já está consolidado e que, no Brasil, ainda é um nicho específico do mercado editorial. Apesar dos inúmeros avanços na conquista de espaço e publicações de autoria feminina, o apagamento e silenciamento de autoras ainda permanece presente na academia e premiações em gêneros literários já consagrados, dessa forma, a proposição de um levantamento e de um estudo da produção contística de ficção científica de autoras brasileiras, faz-se necessário uma vez que é ela pouco explorada pelos estudos literários na academia. Neste primeiro momento da pesquisa, identificou-se duas coletâneas de contos que serão analisadas: **Universo desconstruído vol. I** e **Universo desconstruído vol. II**, ambas as obras são frutos de projetos pessoais, como afirmam suas organizadoras Aline Valek e Lady Sybylla, e objetivam “uma Ficção Científica com mais diversidade, que não seja machista, racista e homofóbica. Que o gênero mantenha sua pluralidade e sua visão de um mundo melhor” (UNIVERSO DESCONSTRUÍDO, 2022). Os *e-books* das obras são disponibilizados gratuitamente para *download*. Na introdução do volume I, “Sobre o universo desconstruído”, Sybylla e Vellek (2013) afirmam que as mulheres são “[...] muito mal representadas pelos autores deste gênero que é o único capaz de mostrar que mudanças sociais e tecnológicas são possíveis no futuro e que a raça humana é capaz de evoluir e deixar para trás o longo histórico de preconceito, racismo, misoginia, escravidão e violência.” (p. 6-7). O tom de ambas as organizadoras, que são também autoras, é de um manifesto por uma ficção científica que seja feminista. O feminismo apresentado por elas é, como se pode perceber por sua organização, um feminismo interseccional e que abarca não apenas questões de gênero, mas também de raça e classe. O livro é composto por dez contos, desses, somente sete foram pré-selecionados para análise “Codinome Electra”, de Lady Sybylla ; Uma terra de reis” de Dana Martins; ; “Eu, incubadora” de Aline Valek; “Memória sintética” de Camila Mateus; “Requiem para a humanidade” de Thabata Borine; “Cidadela” de Lyra

Libero e “Projeto Águila” de Gabriela Ventura. Os três contos excluídos foram escritos por homens, as organizadoras justificam sua escolha afirmando que tais autores são capazes de mostrar que o feminismo, como a ficção científica, também se engaja em um mundo diferente, contudo, eles serão retirados da análise uma vez que nesta pesquisa o foco será a autoria feminina. No volume II, as organizadoras reiteram o tom de manifesto da coletânea de contos e de a literatura como possibilidade. Dessa vez, o livro conta com um “Prefácio” escrito por Jules de Faria, criadora da organização não governamental, *Think Olga* que lançou as campanhas #ChegadeFiuFiu e #PrimeiroAssédio no Brasil. Nele, ela afirma que “em um cenário em que a ficção científica é tomada pelo masculino - e tantos clichés, estereótipos e preconceitos de um status quo que fecha os olhos para a diversidade - as escritoras Lady Sybylla e Aline Valek não só desconstróem a realidade, mas redesenham um mundo onde somos acolhidas.” (DE FARIA, 2014, p.5). A ativista ainda afirma que na coletânea há o que ela chama de representatividade e representação feminina. Ao longo das análises, pretende-se investigar se tal proposta se materializa nas obras. O volume II apresenta oito trabalhos, dos quais quatro foram pré-selecionados: “Amor fortemente elíptico” de Marta Preuss; “BSS – Mariana” de Lady Sybylla; “Boneca” de Clara Madrigano e “Espectro” de M.M. Drack. Nesse volume, também há três contos escritos por homens que não serão analisados e um cordel que foi retirado uma vez que se objetivou focar na produção contística. Ao ponderar que a academia, muitas vezes, não considera a ficção científica literatura séria, quando escrita por mulheres passa a ser vista como irrisória, mesmo que a obra considerada inaugural do gênero como é conhecido, *Frankenstein* (1818), tenha sido escrito pela jovem Mary Shelley. Ademais, cabe ressaltar que há uma estética do gênero ficção científica já consolidada. No entanto, Roberts (2018) afirma que uma definição de tal estética não é fácil uma vez que há as inúmeras definições apresentadas resultam em um campo incongruente e questionável. Tavares (1986) afirma que a ciência é uma fonte de inspiração comum, mas cuja racionalização científica não é necessária. Já Russ (1975), autora, crítica feminista e teórica de ficção científica, afirma que um ponto importante ao se analisar narrativas de ficção científica são padrões de plausibilidade, devendo derivar da observação da vida como ela é, mas também rigorosa e sistematicamente deve ser baseada na ciência. Dessa forma, a ficção científica é literatura, mas não pode ser julgada pelos mesmos critérios literários que outras formas de literatura. Ela não é fantasia e erros científicos não podem transformá-la em fantasia, nem teorias ultrapassadas devem ser vistas como fantasiosos. Ela é uma forma extremamente diferente de arte (RUSS, 1975). Ao teorizar acerca dessa forma diferente de arte, Russ (1975) afirma que há didatismo e que seus protagonistas são sempre coletivos e nunca individuais sendo que os indivíduos costumam ser figuras representativas. Ao se pensar nessa característica e em autoria feminina, pode-se compreender que mulheres a utilizem de forma consciente ou inconscientemente para criticar um mundo de ideologia sexista, oferecendo alternativas surpreendentes e revolucionárias (SHAW, 2010). Também se deve considerar que, em muitos momentos históricos, utilizar personagens que representam um coletivismo foi eficiente. Ao buscar produzir uma literatura que representa aquilo que se acredita ser possível (RUSS, 1975), em um mundo que vê mulheres como o outro, o inessencial, o objeto (BEAUVOIR, 1970), cria-se um outro mundo em que essa premissa pode ser questionada ou mesmo ultrapassada. Assim, este trabalho se estruturará a partir de uma revisão da literatura acerca da ficção científica e crítica feminista. Posteriormente, análise do corpus selecionado a partir das características da ficção científica e dos elementos da narrativa e categorização das temáticas e suas abordagens a fim de verificar como as mulheres

utilizam ou subvertem as características da ficção científica para uma (re) escrita de uma ficção científica não sexista.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. de. Introdução. In: BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Trad. Sérgio Millet. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970, v. 1. p. 13-31.

BORINE, T. Requiém para a humanidade. In: VALEK, A.; SYBYLLA, L. (org). **Universo desconstruído** – Ficção Feminista, vol I. Disponível em: <http://universodesconstruido.com/> Acesso em 31, maio. 2022.

DRACK, M. M. Espectro. In: VALEK, A.; SYBYLLA, L. (org). **Universo desconstruído** – Ficção Feminista, vol II. Disponível em: <http://universodesconstruido.com/> Acesso em 31, maio. 2022.

LIBERO, L. Cidadela. In: VALEK, A.; SYBYLLA, L. (org). **Universo desconstruído** – Ficção Feminista, vol I. Disponível em: <http://universodesconstruido.com/> Acesso em 31, mai. 2022.

MADRIGANO, C. Boneca. In: VALEK, A.; SYBYLLA, L. (org). **Universo desconstruído** – Ficção Feminista, vol II. Disponível em: <http://universodesconstruido.com/> Acesso em 31, maio. 2022.

MARTINS, D. Uma terra de reis. In: VALEK, A.; SYBYLLA, L. (org). **Universo desconstruído** – Ficção Feminista, vol I. Disponível em: <http://universodesconstruido.com/> Acesso em 31, maio. 2022.

MATEUS, C. Memória sintética. In: VALEK, A.; SYBYLLA, L. (org). **Universo desconstruído** – Ficção Feminista, vol I. Disponível em: <http://universodesconstruido.com/> Acesso em 31, maio. 2022.

SHAW, D. **Women, Science and fiction: the Frankenstein inheritance**. Hampshire: Palgrave, 2010.

SYBYLLA, L. Codinome Elektra. In: VALEK, A.; SYBYLLA, L. (org). **Universo desconstruído** – Ficção Feminista, vol I. Disponível em: <http://universodesconstruido.com/> Acesso em 31, maio. 2022.

SYBYLLA, L. BSS – Mariana. In: VALEK, A.; SYBYLLA, L. (org). **Universo desconstruído** – Ficção Feminista, vol II. Disponível em: <http://universodesconstruido.com/> Acesso em 31, maio. 2022.

PREUSS, M. Amor fortemente elíptico. In: VALEK, A.; SYBYLLA, L. (org). **Universo desconstruído** – Ficção Feminista, vol II. Disponível em: <http://universodesconstruido.com/> Acesso em 31, maio. 2022.

ROBERTS, A. **A verdadeira história da ficção científica: do preconceito à conquista das massas**. Tradução Mário Molina. São Paulo: Seoman, 2018.

VALEK, A. Eu, incubadora. *In*: VALEK, A.; SYBYLLA, L. (org). **Universo desconstruído** – Ficção Feminista, vol I. Disponível em: <http://universodesconstruido.com/> Acesso em 31, maio. 2022.

VENTURA, G. Projeto Áquila. *In*: VALEK, A.; SYBYLLA, L. (org). **Universo desconstruído** – Ficção Feminista, vol I. Disponível em: <http://universodesconstruido.com/> Acesso em 31, maio. 2022.

VOLLBRECHT, S. C. **O som não se propaga no vácuo**: o silêncio da crítica sobre a ficção científica no Brasil. 2019. 61 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

O MINICONTO NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: UM PERCURSO PELA FICÇÃO MINIATURIZADA DE 2010 ATÉ 2021.

Sebastião Bonifácio Júnior (Doutorando)
Miguel Heitor Braga Vieira (Orientador)

A fim de promover um estudo sobre o gênero miniconto, diferenciando-o do conto, esta tese de doutorado reflete sobre a necessidade de compreendermos os gêneros literários citados como autônomos, ou seja, independentes entre si. Ainda que o miniconto apresente inúmeras influências, de modo a demonstrar certo hibridismo quando se apropria de âmbitos discursivos diferentes (Rueda, 1989, p. 30), é importante frisar que, devido a sua brevidade extrema, mais necessária será a capacidade de inferência do receptor ao construir, em sua mente, os sentidos da narrativa. Esse detalhe, por si só, já serve para conferir independência ao conjunto textual em estudo. Na tentativa de entender a configuração inerente à feitura dos minicontos, é preciso adotarmos métodos analíticos capazes de reconhecer os detalhes diferenciados entre conto e miniconto, afinal sabemos que o reconhecimento do primeiro se deu antes do segundo. Contudo, é possível defendermos uma classificação mais engessada quando tratamos de textos literários híbridos? Até que ponto se sustenta uma diferenciação entre minicontos e microcontos na crítica literária? Quais são as relações entre outros gêneros – como a poesia, o romance, e o próprio conto, por exemplo – e os minicontos? Ademais, quais elementos do conto persistem nas narrativas mais curtas aqui estudadas? E quais características, com o tempo, foram deixadas de lado por esse gênero relativamente novo? Tentamos, portanto, elucidar essas e outras questões ao decorrer de nosso trabalho. Para tal, optamos por uma divisão que dê conta de nossos propósitos analíticos. No capítulo inicial, de nome “Do conto ao miniconto”, fazemos, inicialmente, um breve apanhado sobre o gênero conto, levando em consideração apontamentos de estudiosos relevantes para a área, tais como Cortázar (2006), Friedman (1976), Gotlib (2006), entre outros. Na sequência, abordamos a configuração dos minicontos enquanto um gênero literário autônomo e, para isso, utilizamos as reflexões de teóricos como Calvino, Shapard, Spalding, Campos, Nogueira, etc. Já no segundo capítulo, intitulado “O miniconto no Brasil”, promovemos um recorte mais específico, redimensionando a discussão sobre como o gênero se originou e, conseqüentemente, desenvolveu-se em solo brasileiro. De modo a nos auxiliar nessa investigação, citamos algumas observações de pesquisadores do miniconto nacional, a saber: Vieira (2012), Almeida (2010), Gonzaga (2007), Spalding (2008), Araújo (2006) e afins. Por fim, no terceiro e último capítulo, analisamos determinados minicontos brasileiros e contemporâneos, mais especificamente, escritos após o ano de 2010 até o ano de 2021, tendo como *corpus* de nossa pesquisa alguns textos dos seguintes livros literários: *O olho da fechadura* [2010], de Angela Schnoor; *Humanos* [2012], de Edelson Nagues; *Hora de alimentar serpentes* [2013], de Marina Colasanti; *Instantâneos* [2013], de Edla Van Steen; *Testemunho transiente* [2015], de Juliano Garcia Pessanha; *Linha única* [2016], de João Anzanello Carrascoza; *88 histórias: contos e minicontos* [2018], de Severino Rodrigues; *Mínimo, múltiplo, comum* [2021], de Raquel Matsushita. Em meio a nossas reflexões, notamos que, a respeito da forma, há um ponto de contato primordial entre o conto moderno e o miniconto: a fragmentariedade que põe à prova a noção de unicidade da vida. Porém, faz-se evidente que, em se tratando do miniconto, o fragmento é levado aos extremos. Nesse sentido, grande parte dos conceitos existentes consideram a brevidade como fator necessário para a consolidação do gênero. A título de exemplo, Shapard (2012) analisa os trabalhos de inúmeros teóricos que se dedicaram

ao estudo do conto em miniatura. Como conclusão disso, ele denomina de *sudden* aquela prosa que tem, mais ou menos, duas páginas. Por outro lado, as produções dessa categoria que possuem, aproximadamente, uma página são chamadas de *flash*. Enfim, recebem o nome de *micro* os que apresentam menos da metade da página. Já nos locais de língua espanhola, tais nomenclaturas não parecem funcionar de maneira tão rígida, isto é, não levam em conta a quantia de páginas para considerarem uma narrativa como sendo extremamente breve. Até mesmo no Brasil, são duas as conceituações mais utilizadas – minicontos e microcontos – que estão presentes, inclusive, em certames literários caracterizados por priorizar o minimalismo estético como forma privilegiada de fazer literatura. Além do mais, como já foi sugerido, faz-se possível associarmos a feitura dessas produções menos extensas ao minimalismo, o qual, via de regra, “nada mais é do que a utilização de um reduzido número de elementos para a produção de um máximo efeito artístico” (SPALDING, 2008, p. 18). Originalmente, de acordo com o estudioso supracitado, o movimento chamado de minimalismo surge nos anos sessenta, particularmente, quando Dan Flavin, Donald Judd e Robert Morris se destacam por evitar o refinamento excessivo em suas artes plásticas. Entretanto, conforme levantamento realizado por Spalding (2008, p. 18), o mote “menos é mais” – bastante utilizado para se referir às obras minimalistas e, por conseguinte, aos próprios minicontos – surge na arquitetura, sendo atribuído ao arquiteto de origem alemã, Ludwig Mies van der Rohe. Na literatura, interessa-nos saber como tal *slogan* se aplica. Nesse sentido, Spalding (2008, p. 19) direciona nosso olhar para a prosa de autoria de Raymond Carver – o pai do minimalismo literário – cujas características principais são “a redução da narração a signos básicos e o vazio social”, o que nos permite aproximá-la da pintura e da escultura geométricas e com um teor metafísico de essência aparentemente vazia. Ernest Hemingway também é citado pelo teórico como um dos precursores do minimalismo literário, pois, nos textos do escritor norte-americano, “a parte visível é menos importante do que a parte oculta” (SPALDING, 2008, p. 19). Dessa forma, o mistério é priorizado em detrimento de uma narrativa mais baseada na exposição do todo. O estratagema descrito faz com que a capacidade de inferência do leitor seja não apenas solicitada, mas vista como necessária no processo da construção dos sentidos da obra literária. Nessa esfera, outro autor mencionado por Spalding é o estadunidense Jason Gurley, que promove uma discussão bem interessante acerca do número de vocábulos contidos na chamada *flash fiction*. Na visão do ficcionista norte-americano, é admitido que o miniconto não representa o fragmento de uma história: o texto, por si só, narra algo por completo, de modo que todas as palavras sejam essenciais. “Por isso o autor propõe que depois que um texto de “flash fiction” seja escrito, o autor deva pegar uma caneta vermelha e cortar todos os adjetivos e advérbios que encontrar e só num segundo momento revisar e recolocar aqueles que sejam fundamentais” (SPALDING, 2008, p. 24, grifos do autor). Feita essa experiência, é preciso, segundo ele, perguntar a si mesmo se existe ali enredo definido e se todos os termos utilizados são, de fato, primordiais ao propósito comunicativo da *diegese*. Assim, os principais objetivos da presente tese são: a) verificar como as características associadas ao gênero miniconto servem aos propósitos dos textos selecionados para nosso *corpus*, fazendo com que estes sejam lidos/interpretados como frutos de um agrupamento autônomo; b) observar até que ponto tais peculiaridades estéticas promovem uma representação efetiva do indivíduo contemporâneo; c) constatar os primórdios, o desenvolvimento e a atual sobrevivência do conto miniaturizado cuja legitimação se dá pelo número significativo de coletâneas que contemplem o miniconto como uma manifestação artística autossuficiente.

REFERÊNCIAS

- CALVINO, Ítalo. Rapidez. *In*: CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 43-67.
- CALVINO, Ítalo. Exatidão. *In*: CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 69-94.
- CAMPOS, Luciene Lemos de. Entre frinchas, a poética do microconto brasileiro. **XII Congresso Internacional da ABRALIC – UFPR**, Curitiba, 2011. Disponível em: <www.abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0674-1.pdf> Acesso em: 01 jun. 2022.
- CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. *In*: CORTÁZAR, Julio. **Valise de Cronópio**. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 147-165.
- CORTÁZAR, Julio. Do conto breve e seus arredores. *In*: CORTÁZAR, Julio. **Valise de Cronópio**. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 227-239.
- FRIEDMAN, Norman. What Makes a Short Story Short? *In*: MAY, Charles Edward (Ed.). **Short Story Theories**. Athens: Ohio University Press, 1976, p.131-146.
- GOTLIB, Nádia Battella. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 2006.
- NOGUEROL, Francisca Jiménez. Micro-relato y posmodernidad: textos nuevos para un final de milênio. **Revista Interamericana de Bibliografía**, XLVI, p. 1-4, 1996. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/39581203_Micro-relato_y_posmodernidad_textos_nuevos_para_un_final_de_milenio> Acesso em: 14 jun. 2022.
- RUEDA, Ana. El cuento hispanoamericano actual: operaciones de desmantelamiento. **Ínsula**, n. 512-513, p. 29-30, ago./set. 1989.
- SHAPARD, Robert. **The remarkable reinvention of very short story fiction**. Disponível em: <<https://www.worldliteraturetoday.org/2012/september/remarkable-reinvention-very-short-fiction-robert-shapard>> Acesso em: 01 jun. 2022.
- SPALDING, Marcelo. **Os cem menores contos brasileiros do século e a reinvenção do miniconto na literatura brasileira contemporânea**. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira, Portuguesa e Luso-africanas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/13816>> Acesso em: 22 jun. 2022.
- SPALDING, Marcelo. Presença do miniconto na literatura brasileira. **Revista Conexão Letras**, v. 7, n. 8, p. 65-76, 2014. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/55443>> Acesso em: 01 jun. 2022.

VIEIRA, Miguel Heitor Braga. **Formas mínimas**: minificação e literatura brasileira contemporânea. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000179498>> Acesso em: 29 jun. 2022.

AS MASCULINIDADES NO ROMANCE DE 30: DO HEGEMÔNICO AO SUBORDINADO

Thamiris Yuri Silveira Pellizzari (Doutoranda)
Luiz Carlos Santos Simon (Orientador)

O trabalho que me proponho a desenvolver como tese de doutoramento envolve, em seu escopo temático, as masculinidades. Considerando a pluralidade desse conceito, tendo em vista as variadas maneiras de se reconhecer e ser reconhecido como homem, utilizo como principal aporte teórico os textos de Connell, que discorrem a respeito de um ideal hegemônico de masculinidade em contraponto com o que a autora chama de masculinidades subordinadas. No que se refere ao objeto literário, optei por me concentrar no romance de 1930, decisão que envolveu a pressuposição de que encontraria uma grande abordagem das masculinidades subordinadas e da homossexualidade, seja por se tratar de um momento de inigualável produção e publicação romanesca, seja em razão da maior representação dos marginalizados, levando em consideração a atmosfera dos ideais modernistas culminando na representação de uma “vida moderna” na literatura. Acerca dos alicerces teóricos para abordagem do romance de 30, tenho como principal esteio a obra de Luís Bueno *Uma história do romance de 30*, a qual se mostrou uma das principais fontes para me servir como validação do caráter inédito desta pesquisa, visto que a despeito de seu imenso valor enquanto história literária da famigerada década, dedicando-se cuidadosamente à análise e sistematização dos romances publicados ao longo da década em questão, não há qualquer referência às masculinidades, havendo raras referências à homossexualidade masculina, mesmo em obras em que a temática é central ou em que há protagonistas homossexuais. O que encontrei na obra de Bueno que me chamou a atenção e me serviu de gatilho para adentrar as masculinidades subordinadas foi um subtópico cujo título é “Uma figura síntese: o fracassado”, no qual o autor discorre a respeito da importância dessa figura para o romance de 30, compreendendo, pois, o grupo dos marginalizados, retomando e concordando com Mário de Andrade ao afirmar que “o fracassado é figura hegemônica no romance de 30” (BUENO, 2015, p. 76). Bueno concentra nesse subtópico personagens marcadas pelo insucesso, pela falta de fibra, de competência e de qualquer elemento de caráter. Embora as personagens que lhe sirvam de exemplo desse fracasso sejam todas masculinas, isso não passa de uma mera coincidência, já que a masculinidade não é trabalhada em momento algum ao longo do subtópico. Nesse sentido, no processo de elaboração da tese busquei, inicialmente, tecer relações envolvendo o objeto literário e o escopo temático lançando um olhar mais concentrado na homossexualidade masculina, isto é, considerando as masculinidades subordinadas de que fala Connell. No entanto, com a aquisição das leituras, conforme progredia com a lista de romances de 30 que me propus a explorar (cerca de 80 romances), e em razão dos variados tipos de masculinidades com os quais me deparei e da pouquíssima referência à homossexualidade masculina, esse enfoque inicial acabou por tomar rumos diferentes. Isso posto, o interesse pela segregação existente dentro da própria categoria das masculinidades, que subjuga e subordina aqueles que mais se afastam de um ideal hegemônico inatingível, somado à carência de estudos concentrados nas masculinidades subordinadas em um período literário tão rico e voltado aos marginalizados me levaram a definir como escopo temático principal os subordinados. Ademais, uma pesquisa que se iniciou com enfoque na homossexualidade masculina passou então a integrar outros perfis de masculinidade, em um percurso que abarca desde o hegemônico ao subordinado, respeitando e dando voz às referências

masculinas encontradas nesses romances, ampliando, assim, seu escopo temático, mas sem deixar de lado a temática de interesse inicial, isto é, a homossexualidade masculina. Dito isso, cabe mencionar que a abordagem que proponho do romance de 30 é exclusivamente cronológica, abarcando, pois, somente a década de 1930, isto é, romances publicados no período de 1930 a 1939. Visando contemplar esses variados e plurais perfis masculinos optei por um caminho gradual que se inicia no hegemônico e vai até a ponta mais extrema do subordinado, isto é, o homossexual, passando, pois, por diversas construções masculinas específicas. Para explorá-las, optei pela subdivisão da tese em três capítulos, sobre os quais discorro a seguir. O primeiro capítulo, cujo título é “A pluralidade das masculinidades no romance de 30”, dedica-se a considerações de caráter introdutório acerca de perfis específicos de masculinidade evidentes em personagens de diversos romances de 30. Nesse momento há, sobretudo, a proposição de perfis de masculinidade percebidos como mais evidentes no romance de 30, os quais são explorados em subcapítulos. O primeiro deles intitula-se “O hegemônico”, do qual despontam outros dois subtópicos: “Masculinidade e violência: o pressuposto da herança orgânica” e “Os brutos”; o segundo denomina-se “O fracassado”, figurando um perfil de grande relevância para o romance de 30, todavia, com um enfoque que se distancia daquele proposto por Bueno, que mencionamos anteriormente, visto que esse tópico se concentra especificamente sobre o fracasso da masculinidade (e não sobre o fracasso de modo geral, como em Bueno), englobando o polo oposto da hegemonia, isto é, a subordinação, dando lugar aos personagens masculinos marginalizados. Além do valor introdutório dessa escolha de abordagem da pluralidade das masculinidades, ao iniciar pelo perfil hegemônico caminhando à representação do subordinado, por meio da figuração do fracassado, há alicerce suficiente e gradativo para despontar o assunto do segundo capítulo, que se dedica à exploração de uma vertente das masculinidades, a qual, com base na realidade diversa, porém classificatória dessa pluralidade, ocupa o lugar da subordinação de maneira ainda mais enfática que o fracassado heterossexual, explorado no primeiro capítulo. Trata-se da representação da homossexualidade masculina no romance de 30, capítulo em que ocorre uma abordagem quantitativa, visto que se dedica a um levantamento (do total de romances lidos) das obras em que há, de alguma maneira, presença da temática da homossexualidade. Para sistematizar esse levantamento há três subcapítulos voltados ao tipo de abordagem da temática em questão. Isto é, o subcapítulo 2.1 contempla romances em que a homossexualidade surge como mera referência, não havendo necessariamente personagens homossexuais, mas qualquer alusão, por meio de um termo, expressão ou mera insinuação. Naturalmente, em razão pouca abordagem da temática em questão não haverá grandes aprofundamentos sobre esses romances. O subcapítulo 2.2 volta-se aos romances em que a homossexualidade aparece como temática secundária, ou em personagens secundárias, cujas análises são centradas nas personagens homossexuais e/ou nas situações em que a temática aparece, não interessando reflexões aprofundadas desses romances, visto que esse é o intuito do subcapítulo 2.3, o qual lida com as obras em que a homossexualidade tem relevância ou em que se observe homossexualidade em personagens principais. Sobre esses romances caberá desenvolver reflexões mais aprofundadas, levando em consideração a maneira como a homossexualidade masculina aparece, como essas personagens são vistas pela sociedade e como se reconhecem em relação à sua sexualidade, entre outros aspectos. Desse último grupo, inclusive, é que despontam os romances que se destacarão no terceiro e último capítulo, dedicado à análise de três obras, atentando a alguns aspectos das masculinidades e, mais centralmente, à homossexualidade, sendo elas: *Mundos Mortos* (1939), de Octávio de Faria; *Usina* (1936), de José Lins do Rego; *Capitães de areia* (1937), de Jorge Amado.

Tais análises não buscam esmiuçar os romances compreendendo suas variadas possibilidades de abordagem, mas se concentram sobre o enfoque desta pesquisa, lançando o olhar aos aspectos que envolvem, mais especificamente, a homossexualidade, interessando-nos também alguns aspectos das masculinidades. Algumas das questões ponderadas nas análises são: 1) a maneira como a homossexualidade é apresentada no romance (reflexão que se desdobra no modo como a personagem homossexual é vista/tratada pela sociedade e como ela mesma se vê/compreende); 2) a relevância da temática na obra; 3) a homossexualidade masculina no âmbito das masculinidades (aqui caberá desenvolver também reflexões acerca da frequente relação estabelecida entre a homossexualidade masculina e a feminilidade). Para além do objetivo analítico, visando ao aprofundamento da temática e das obras em questão, esse capítulo encerra uma tese cujo enfoque abarca um assunto de pouca abordagem embora de grande relevância no âmbito da literatura, mais especificamente do romance de 30, e das masculinidades, ao se concentrar nas personagens masculinas, com atenção especial aos marginalizados e, nesse sentido, refletir de que maneira se dá sua representação na produção romanesca da famigerada década.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. **Capitães de areia**. São Paulo: Ática, 1998.
- ANDRADE, O. **Serafim Ponte Grande** (1933). 8. ed. São Paulo: Globo, 2001.
- BADINTER, Elisabeth. *XY: Sobre a identidade masculina*. 2. ed. Rio de Janeiro: NovaFronteira, 1993.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, c1994.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria H. Kuhner. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BUENO, Luís. **Uma História do Romance de 30**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.
- CASTELLO, José Aderaldo. **Aspectos do romance brasileiro**. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, [19-].
- CONNELL, R. W. **Masculinities**. 2. ed. Berkeley: University of California Press, 2005.
- CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. Estudos feministas, vol. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.
- CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História da Virilidade: 3. A virilidade está em crise? Séculos XX-XXI**; tradução de Noéli Correia de Mello Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- COSTA, Horácio et al. **Retratos do Brasil homossexual: Fronteiras, subjetividades e desejos**. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 2010.

- COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: São José, 1959.
- DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. (Org.). **História dos homens no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2013.
- FARIA, Otávio de. **Mundos mortos** (1937). Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1991.
- GREEN, James N. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. Trad. Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: editora UNESP, 1999.
- LIMA, Jorge de. **A mulher obscura** (1939). Rio de Janeiro: J. Olympio, 1939.
- MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira**: do realismo à belle époque. São Paulo: Cultrix, 2016.
- NEJAR, Luis Carlos Verzoni. **História da literatura brasileira**: “eppur si muove!”. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2007.
- NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- NOLASCO, Sócrates. **A desconstrução do masculino**: uma contribuição crítica à análise de gênero. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.
- PELLIZZARI, Thamiris Y. Silveira. **A homossexualidade masculina em contos brasileiros da década de 1980**. Orientador: Dr. Luiz Carlos Santos Simon (dissertação). Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2018.
- REGO, José Lins do. **Menino de Engenho** (1932). 80ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001. E-book.
- REGO, José Lins do. **Doidinho** (1933). 47ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011. E-book.
- REGO, José Lins do. **O moleque Ricardo** (1935). 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.
- REGO, José Lins do. **Usina** (1936). 20ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010. E-book.
- SILVEIRA FILHO, Francisco M. A Crise da Masculinidade Contemporânea. In: COSTA, Horácio et al. **Retratos do Brasil homossexual**: Fronteiras, subjetividades e desejos. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 2010.

STEARNS, Peter N. **História da sexualidade**. Tradução: Renato Marques. São Paulo: Contexto, 2010.

STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

TREVISAN, João Silvério. **Seis balas num buraco só**: a crise do masculino. Rio de Janeiro: Record, 1998.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2007.

VERÍSSIMO, Érico. **Um lugar ao sol** (1936). Globo, 1976. E-book.

VERÍSSIMO, Érico. **Olhai os lírios do campo** (1938). Porto Alegre : Globo, 1980.

VERÍSSIMO, Érico. **Doidinho** (1933). 47ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011. E-book.

SEDA

SEMINÁRIO DE DISSERTAÇÕES E TESES EM ANDAMENTO

**INTERSECÇÕES ENTRE LITERATURA E SOCIEDADE:
DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS**

27 A 29 DE JULHO DE 2022



Programa de Pós-graduação em Letras:



UNIVERSIDADE